

ELIZANDRA NAZÁRIO SILVA

**NELSON RODRIGUES:
UMA SILHUETA ERÓTICO-ROMANESCA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina

Orientação do Prof. Dr. Mário Guidarini.

TUBARÃO, 2006.

ELIZANDRA NAZÁRIO SILVA

NELSON RODRIGUES:

UMA SILUETA ERÓTICO-ROMANESCA

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

Tubarão – SC, 21 de novembro de 2006.

Prof. Dr. Celestino Sachet

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Jussara Bittencourt

Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Dr. Mário Guidarini

Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho a todos que se interessam pela investigação erótico-romanesca. A meus pais, figuras amáveis que estiveram sempre ao meu lado, dando-me todo apoio necessário. Ao meu orientador, admirável Prof. Dr. Mário Guidarini, alguém que soube canalizar os meus interesses, respeitando o meu estilo de leitura. Dedico especialmente à força maior divina que rege o fluxo de todas as coisas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo incentivo de realizar este curso. Ao meu orientador pela sugestão de trabalho. À coordenação do Mestrado em Ciências da Linguagem que se mostrou tão eficiente no reconhecimento do curso. Agradeço a Deus pelos obstáculos superados durante este trajeto.

“Somos todos leprosos! E o mal é que ninguém reconhece a própria lepra.” (Rodrigues 2003, p. 252, in O Casamento)

RESUMO

Os textos romanescos rodrigueanos dividem-se em duas fases. A primeira é marcada pelo gênero romance romântico, das obras folhetinescas que se aproximam dos romances do século XIX, pelo fato de venderem o ideário burguês. Na segunda fase, percebemos a diferença de estilo entre os textos assinados por Suzana Flag e por Myrna e os assinados por Nelson Rodrigues. Em seus textos, o autor desvela as aberrações sexuais escondidas, por detrás da falsa moral romântico-burguesa carioca.

Notamos que todas as personagens romanescas rodrigueanas estão contextualizadas, na estrutura da família patriarcal e assujeitadas à repetição de padrões familiares. Esse ensaio investigou os diversos perfis registrados por Rodrigues, dando destaque ao erotismo e às seqüelas sexuais apoiados nas teorias de Freud e de Reich. Isso porque a Literatura, assim como a Psicanálise, preocupam-se com os registros dos perfis humanos.

Palavras-chave: Romances; Erotismo; Ideologia burguesa; Padrões de libido; Aberrações sexuais.

ABSTRACT

The *rodrigueanos* novelistic texts are divided in two phases: the first one is characterized by the romantic romance gender of the newspaper published novels that are closed related to the XIX century novels, for selling the Portuguese idealism. In the second phase, the style difference can be perceived among the texts subscribed by Suzana Flag and Myrna and the ones subscribed by Nelson Rodrigues. The author presents in his texts the sexual aberrations hidden behind the false romantic *carioca* bourgeoisie.

It was perceived that all the romantic *rodrigueanas* characters are contextualized, in the patriarchal family structure and all of them are subjected to repetitions of familiar patterns. This essay investigated the several profiles registered by Rodrigues, giving importance to the eroticism and the sexual sequels supported by Freud and Reich theories.

The Literature as much as the Psychoanalysis are subjects that deal with the human profile registers, therefore the bibliographical research was supported in Freud and Reich studies.

Key words: novels, erotism, bourgeoisie ideology, libido patterns, sexual aberrations

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICOS.....	17
2.1 FREUD E REICH.....	17
2.2 OS TÓPICOS TEÓRICOS DE EAGLETON.....	21
2.3 A LITERATURA E A PSICANÁLISE.....	23
2.4 O CASAMENTO.....	26
2.5 A FAMÍLIA	32
2.6 O EROTISMO NARCÍSICO.....	39
2.7 O INCESTO	46
2.8 A PEDERASTIA.....	49
2.9 O SADISMO E O MASOQUISMO SEXUAL E MORAL.....	52
2.10 O COMPLEXO DE ÉDIPO.....	56
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	62
ANEXO A - FRASES DE PERSONAGENS ROMANESCAS DE NELSON RODRIGUES.....	64
ANEXO B - RESUMOS DOS ROMANCES DE NELSON RODRIGUES.....	91

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho justifica-se pelo interesse em estudar os romances de Nelson Rodrigues, a fim de registrar os diversos perfis humanos observados pelo autor, na sociedade romântico-burguesa. Sobre a fundamentação psicanalítica de Freud e de Reich, buscaremos descortinar as aberrações sexuais que vêm mascaradas pelos dogmas morais e constituem a personalidade do indivíduo, a partir da formação familiar.

Escolhemos Freud e Reich, pois julgamos que tais estudiosos apresentam teorias que melhor se encaixam nas personagens desenvolvidas por Nelson Rodrigues, nas obras lidas. Informamos que a referência do ano de publicação da obra *Casamento Indissolúvel*, ou *Relação Sexual Duradoura?* do autor Reich não foi encontrada.

Os romances rodrigueanos foram eleitos pelo fato de chamar-nos atenção sobre o elo que o autor traça entre *a vida como ela é* e a produção da arte literária e, também, por não haver, no meio acadêmico, nenhuma investigação que inclua todos os romances de Nelson Rodrigues, em um único trabalho.

Observamos que as personagens, fabricadas pelo autor estudado, seguem determinados padrões de comportamento familiar que lhes são impostos inconscientemente, desde a infância. É no seio da família que o indivíduo observa a silhueta subjacente do

comportamento erótico dos pais, ao mesmo tempo em que ouve um discurso moralizante contrário ao que assiste. Recebe, com freqüência, uma bagagem de educação sexual repleta de dualidade antagônica: uma parte formada pelo exemplo e outra pelos dogmas ditados pela ideologia do “como deve ser”.

As leis deterministas de raça, de meio e de momento histórico impulsionam, por meio da libido, o movimento erótico das personagens. É comum encontrarmos irmãos e irmãs desenvolvendo interesses sexuais e afetivos pelos mesmos objetos sexuais. Dentre os três fatores básicos de pré-determinação, o meio e a hereditariedade foram os mais explorados, nas personagens romanescas rodrigueanas.

Sabemos que, segundo os estudos da psicanálise, é a afetividade desenvolvida entre pais e filhos, na infância, que vai influenciar na escolha objetal do indivíduo, na vida adulta. Por essa ordem seria natural que uma filha escolhesse para si um objeto de desejo semelhante ao que a mãe escolhera, ou que se aproxime do modelo ditado pela afetividade desenvolvida pelo pai.

Freud (1996, p.102):

A ternura dos pais pode cumprir o papel de orientar o filho na maturidade, em sua escolha do objeto sexual. Sem dúvida o caminho mais curto para o filho na maturidade, seria escolher como objetos sexuais as mesmas pessoas a quem ama, desde a infância, com uma libido, digamos, amortecida.

Com pinceladas e com traços balzaquianos, Rodrigues apresenta tipos envoltos na estrutura da família patriarcal, em decadência. O autor revela, assim, as causas das neuroses na formação sexual das personagens, condicionadas pelas vivências, que o meio familiar carioca lhes proporcionam. Segundo Freud (1996, p. 99), “não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto sexual é, na verdade, um reencontro.”

A repetição de padrões familiares foi observada nos oito romances. Serão interpretadas as seguintes obras: *Meu destino é pecar*, sob o pseudônimo de Suzana Flag; *A mulher que amou demais*, sob Myrna; *Escravas do amor*, Suzana Flag; *Minha Vida*, Suzana Fag; *Núpcias de fogo*, Suzana Flag; *Asfalto Selvagem*, Suzana Flag; *A mentira e O Casamento*, Nelson Rodrigues.

Nas obras em que serão analisadas as personagens narcísicas, percebemos que algumas delas são contextualizadas numa infância de mimos e de constantes elogios das pessoas que se encontram aos seus arredores. São essas atitudes que as levam a desenvolver o auto-erotismo. No decorrer das narrativas, as personagens vão de um auto-erotismo a um narcisismo, o que comprovaria a influência do meio na desenvoltura sexual.

Freud (1996, p. 84):

Uma unidade comparada ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.

A libido é o núcleo das narrativas rodrigueanas. Em torno dela, as personagens constroem suas histórias e não se dão conta de que repetem basicamente as mesmas experiências sexuais vividas por seus pais. As personagens de Nelson Rodrigues não têm poder de conter as pulsões sexuais e, sob a influência da hereditariedade libidinal e do meio, são condicionadas à hipocrisia cultivada no contexto sócio-cultural urbano, suburbano e até mesmo rural.

Freud (1996, p. 89) afirma que:

Em alguns casos a libido e o interesse do ego partilham do mesmo destino e são mais uma vez indistinguíveis entre si. O egoísmo familiar do enfermo abrange os dois. Acharmos isso tão natural porque estamos certos de que, na mesma situação, nosso comportamento seria idêntico.

Seria impreterível estudar os romances folhetins sem percebermos sua relação com a burguesia local e a influência dessa classe, na formação desse gênero ficcional. Sabemos que as narrativas romanescas incorporavam as personagens de sua classe criadora. Daí a presença de determinados valores sócio-culturais, nos romances folhetins. O intuito desses romances folhetinescos visava ao entretenimento (sobretudo das leitoras) e à comercialização do jornal de maior circulação do Rio de Janeiro, dessa época.

A idealização romântico-burguesa perpassa todas as obras folhetinescas e estende-se a todos os objetos da libido. Para Freud (1996, p.101), a idealização é um processo que diz respeito ao objeto. Por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego, como na esfera da libido objetal.

A exaltação da classe social que construiu o ideal romântico é marcante no gênero romanescos, daí a impressão de falta de verossimilhança nos folhetins. Nesse ensaio, comprovaremos que a semelhança com a realidade não foge ao estilo folhetinesco rodrigueano, inclusive no que se refere ao “happy end clássico”.

As personagens, nas obras folhetinescas, estão contextualizadas em tantos conflitos que talvez a única saída para o não adoecimento é o final feliz. Freud (1996, p.92) escreve que um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.

Devemos, de certa forma, considerar que os conflitos que envolvem os relacionamentos românticos, nas obras estudadas, assumem características verossímeis, se admitirmos o fato de algumas pessoas conseguirem encontrar prazer na dor. Vive-se o condicionamento ditado pela ânsia de dor. Por meio da necessidade de sentirem-se

vitoriosas, as personagens conseguem enredar, para suas vidas, narrativas cheias de complicações afetivo-sexuais, a fim de obterem um desfecho feliz e heróico.

É como se a necessidade de se sentirem fortes e heróicos levasse os indivíduos a enredar problemas para suas vidas, para que ao resolver o conflito a sensação de vitória compense o processo dificultoso, ou qualquer serenidade possível, na ausência da complicação.

Difícil é delimitarmos até onde a vida imita os romances, ou até que ponto os romances imitam a vida. Freud (1996, p. 38) afirmou que toda dor contém em si mesma a possibilidade de uma sensação prazerosa.

As análises pretendem mostrar que Rodrigues contextualiza suas personagens (geralmente egoístas, ou até mesmo narcísicas), buscando seguir o ideário que receberam da família, na infância. Freud (1996, p. 107) registra que tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras – isto é o que as pessoas se esforçam por atingir com sendo felicidade.

Os romances folhetins vendiam para a burguesia o sonho de um amor ideal que vence todas as barreiras, da posição social ideal, por meio da exaltação dos ambientes requintados e da moda. Isto é, comercializava-se o mundo que a burguesia julgava possível e necessário construir. As condições de amar, também, não escaparam aos princípios burgueses. O objeto sexual masculino burguês enquadrava-se em um tipo empresarial, bem sucedido, e o feminino na filha de um empresário bem-sucedido. As paixões, contextualizadas por Rodrigues, ocorriam sob tais projeções. Freud (1996, p. 107) afirma que com o tipo objetal, (ou o tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da idealização das condições infantis para amar. Podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é antes idealizada.

Os romances folhetinescos de Nelson Rodrigues enquadram-se, basicamente, no estilo novelesco e não fogem à intenção comercial. Apresentam sempre o amor impossível, com conflitos centrais que perpassavam as narrativas. Cada capítulo termina justamente em um clímax, o que provocaria a compra do jornal no dia seguinte. O autor, embora tivesse seus textos atrelados à venda, não deixou de registrar o verossímil, ao escrever sobre as paixões devastadoras, que arrastavam suas personagens como se estivessem assujeitadas ao próprio desejo, caracterizando-as como “*Escravas do Amor*”. Freud (1996, p.40) escreve que a onipotência do amor talvez nunca se mostre com maior intensidade do que nessas aberrações e patologias das relações familiares decadentes.

Já os romances não folhetinescos, publicados por Rodrigues, apresentam o outro gume da faca: a decepção da personagem burguesa, vítima de seus próprios sonhos, de suas próprias representações. Nos romances *Asfalto Selvagem*, *A Mentira* e *O Casamento* teremos personagens que se escravizam na tentativa de realização do ideal, mas não obtêm o final feliz, sofrem bruscamente por nutrirem um ideário fundamentado em fantasias que não se realizam. Freud (1996, p.102) escreve que é na representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o das fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a se concretizar.

Rodrigues denuncia as hipocrisias da classe suburbana que cresceu acreditando que querer é poder. Os resultados da idealização burguesa exacerbada aparecem claramente com a sua ascensão. O preço pela posição social resulta na exploração do homem pelo próprio homem. A busca da família perfeita utiliza a repressão sexual e gera personagens desestruturadas e vítimas de pulsões sexuais. A natureza dita a felicidade realizada na satisfação dos instintos e a sociedade recrimina tais procedimentos. O indivíduo, a fim de não

ser condenado pela sociedade, passa a fazer o jogo de representação hipócrita, requisitado pelas normas morais, impostas pelo meio. Freud (1996, p. 94) afirma que as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. Os intintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego.

O objetivo geral da pesquisa foi a investigação dos tipos sociais desmascarados por Nelson Rodrigues, uma vez que o autor apresenta grande observação da influência do meio na formação sexual dos indivíduos, para compor suas personagens, a fim de conseguir-lhes a mais crua verossimilhança. Não tivemos a pretensão de fazer qualquer exercício de análise do discurso, embora o texto fale da ideologia burguesa subjacente.

Os objetivos específicos foram: averiguação das pulsões eróticas na formação sexual que desencadeiam a repetição de padrões sociais representados pelas personagens romanescas; identificação das ideologias subjacentes às obras folhetinescas e não-folhetinescas, análise das patologias psíquicas e sociais do casamento burguês, sob as versões teóricas de Reich, de Freud e de Eagleton; identificação da presença do narcisismo, do incesto, da inversão sexual, do sadismo, do masoquismo e finalmente do complexo de Édipo, nos romances e folhetins.

Queremos ressaltar que preferimos a bibliografia básica, a fim de construirmos uma formação discursiva original, sem influência da leitura de outros estudos, e, assim, evitarmos quaisquer formas de reescrituras analíticas textuais.

Incluimos frases de Nelson Rodrigues, no Anexo A, a fim de colocarmos o leitor em contato com o estilo rodrigueano romanescos. Colocamos, em Anexo B, os resumos dos oito romances analisados, para facilitar ao leitor uma melhor contextualização das análises no presente ensaio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FREUD E REICH

O presente trabalho terá fundamentação teórica baseada nos estudos de Reich e de Freud sobre a sexualidade. Sabemos que em alguns pontos dos registros desses autores podemos encontrar rupturas, porém esse ensaio se ocupará das continuidades que Reich desenvolveu em relação às observações de Freud.

Os estudos de Reich que se relacionam ao casamento frisam que as condições necessárias para uma união saudável seriam a independência econômica da mulher e a educação dos filhos.

Reich (1996, p. 107) afirma que na típica família da pequeno-burguesia, a influência da sexualidade assume formas específicas que determina a disposição individual para a mentalidade de casamento e de família. Julgamos importante a fundamentação reicheana pelo fato de ela desenvolver estudos em torno da família patriarcal, uma vez que nos romances de Nelson Rodrigues todas as aberrações sexuais e conflitos narrativos se desenvolvem em torno da estrutura familiar. Reich (1986, p.106) A base da família pequeno-

burguesa é a relação entre pai patriarcal, a mulher e os filhos.

Em todas as obras analisadas, temos a estrutura financeira girando em torno da figura paterna. Os demais membros da família, por isso lhe devem obediência. Nos romances de Rodrigues, o autoritarismo paterno e a repressão sexual familiar geram filhos, geralmente compulsivos. Nos textos analisados, Nelson Rodrigues dá preferência à protagonistas femininas para demonstrar tais fatores.

A maioria das protagonistas de Rodrigues é criada em ambientes de grandes repressões morais e sexuais. A família e o ambiente do lar representam opressão e as personagens vão buscar, no extravasamento sexual-erótico, uma forma de sublimar suas angústias familiares.

Os homens, nos romances rodrigueanos, são criados com menor pressão moral, demonstrando o estilo de formação claro da família patriarcal burguesa.

Reich (1986, p. 55) escreve:

As perturbações da sexualidade estão em geral muito mais espalhadas nas moças e nas mulheres que nos rapazes e nos homens. Isso corresponde totalmente ao fato que as mulheres são muito mais oprimidas sexualmente desde a infância na sociedade burguesa e suportam uma educação sexual muito mais severa que os rapazes.

Wagner (1996, p. 65) afirma que o fator econômico, a energia que anima (dá vida) a dinâmica psíquica e que fomenta a existência da própria tópica é essencialmente sexual. Para ele, a energia psíquica *libido* é sempre, primariamente, substrato das pulsões sexuais. E acompanhando o desenvolvimento do pensamento de Freud, a cultura (qualquer sistema social) somente seria possível mediante a repressão da sexualidade. (...) Nesse sentido, parece plausível pensar que nenhuma cultura queira admitir a existência de seus conteúdos sexuais reprimidos, pois admiti-los poderia levar a colocar em xeque a necessidade da própria cultura.

Lembramos que alguns estudiosos tendem a concluir que a teoria reicheana sugere

um princípio de sociedade e de família ideal. Se pensarmos, entretanto, por essa ótica, chegaremos à conclusão de que todas as teorias que se voltam para a área da psicologia teriam tal intuito subjacente. Reich (1986, p. 53) afirma não querer erigir princípios morais, porque eles nunca passarão.

Percebemos, no decorrer da leitura dos textos de Reich, que seus objetivos não são a busca do ideal, mas o registro e a investigação das causas patológicas que envolvem a formação da sociedade burguesa. Para Reich (1986, p. 52), a educação burguesa complicou e atrofiou desde a infância a sexualidade e as dificuldades se tornaram a regra. A vida sexual tranqüila, ordenada e satisfatória tornara-se a exceção.

A interligação teórica existente nos estudos de Reich e de Freud se dá por meio da concepção da libido como sendo fator determinante da pulsão sexual. Wagner (1996, p. 63) afirma que quando Jung, por exemplo, define libido como energia não sexual, isso o coloca fora do campo psicanalítico, porque a libido é um conceito fundamental na psicanálise. Nesse sentido, sua definição de libido nega, fundamentalmente, a definição psicanalítica desse termo. Já Reich, quando enfatiza a genitalidade, não parece negar ou se opor ao caráter central da teoria psicanalítica.

Tanto Reich como Freud voltam-se para a desenvoltura sexual do indivíduo, porém aquele enfatiza a influência da estrutura social e este a pulsão sexual desenvolvida pela libido, registrando e destacando seus estudos no indivíduo. Como percebemos, serão utilizados estudos complementares no que se refere à teoria de ambos. Wagner (1996, p. 62) afirma que Reich não alterou o conceito psicanalítico de sexualidade, não o reduziu a uma genitalidade biológica, e não o fez voltar a ser o que era antes de Freud.

Segundo os estudos freudianos, por meio da libido o indivíduo desenvolve as suas pulsões sexuais e, através de determinadas pulsões, desenvolve algumas “aberrações sexuais.”

Freud contextualiza as causas para a desenvoltura das aberrações sexuais no relacionamento que o indivíduo desenvolve com as pessoas de sua convivência, geralmente a família. As causas que desencadeiam as perturbações sexuais estão relacionadas basicamente à escolha do objeto de desejo, sendo que esses objetos podem ser o outrem, ou o próprio “eu”.

Freud (1996, p. 95):

Descobrimos, de modo especial claro, em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe, mas seus próprios eus.

Outro fator que se faz constante nos registros erótico-romanesco-rodriagueanos é a presença da idealização. As personagens, arrastadas pela busca do ideal, permitem-se ficar deprimidas ao constatarem que a família ideal, que o sonho do amor ideal, que a posição social e financeira ideal são, em si, inatingíveis e acabam por revelar as fraquezas existenciais do indivíduo que anseia por elas. Isso porque, quando o indivíduo as atinge, sente-se oprimido e doente por ter negado os seus desejos mais íntimos na conquista do sonho de vida convencional burguesa e, quando ele não as atinge, sente-se triste por julgar-se excluído dela. Deixa-se reprimir pela idealização exigida pela falsa moral vigente.

Sabemos que em todas as civilizações a idealização se fez presente. Na literatura, desde as cantigas de amor, na primeira fase medieval registrava-se essa característica. Mas também é sabido que, dentre todas as sociedades, talvez a que mais tenha produzido *slogans* de ideais tenha sido a burguesa, em sua luta árdua pela conquista de um espaço social de respeito. Percebemos que as teorias freudianas não descartam os estudos de Reich sobre sociedade burguesa, já que inclui, em suas anotações, a importância do ideal. Segundo Freud (1996, p. 100), para o ego a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão.

2.2 TÓPICOS TEÓRICOS DE EAGLETON

As análises dos romances e dos romances folhetins comprovarão a verossimilhança nas narrativas analisadas, uma vez que sabemos do intercruzamento entre ficção e cultura. Embora os romances rodrigueanos apresentem relação com *A vida como ela é*, são considerados uma produção menos prestigiosa, pois, segundo a crítica, seria justamente a falta de verossimilhança que compromete esses textos. Os romances de Rodrigues seriam ensaios que antecederam a obra dramaturgica do autor. (Eagleton 2001, p.1) A distinção entre “fato” e “ficção”, portanto, não nos parece ser muito útil. Uma das razões para isso é a de que a própria distinção ser muitas vezes questionável.

Os primeiros folhetins rodrigueanos apropriam-se do estilo novelesco, a fim de vender os jornais por meio da leitura fascinante de romances lascivos. Sabemos não interessar a seres humanos elementos que não estejam relacionados à suas culturas e aos seus estilos de fazer ficção em que o indivíduo esteja inserido. Desse modo, fica clara a relação entre a ficção e a realidade cultural, nas novelas rodrigueanas analisadas. (Eagleton 2001, p.2) “A palavra “novel” foi usada, ao que parece, tanto para os acontecimentos reais quanto para os fictícios.”

Buscaremos fugir das definições de romance e de novela, bem como do que seja boa ou má literatura, tentando fazer uma leitura psicanalítica das obras de Rodrigues, evitando a classificação exata de termos que envolvam a teoria literária, uma vez que (Eagleton 2001, p.11) a literatura não poder ser, de fato, definida “objetivamente”. A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual o leitor atribui-lhe valor cultural.

(Eagleton 2001, p.11):

Os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e o que não se considera, não necessariamente no sentido de que o estilo tem de ser “belo” para ser literário, mas sim de que tem de ser *do tipo* considerado belo.

O valor que se emprega a determinadas obras torna-se subjetivo, pois vem relacionado ao jeito de o leitor avaliar o objeto de leitura. Para (Eagleton 2001, p.16), valor é um termo transitivo, significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos à luz de determinados objetivos.

(Eagleton 2001, p.16):

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses – e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira – poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos.

Os romances de Nelson Rodrigues tornam-se capazes de trazer à luz a reescritura de seus textos pelo leitor, já que permitem que as leitoras se identifiquem com as protagonistas, buscando viver e imitar o estilo de vida das personagens (Eagleton 2001, p.17), todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, das sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”.

Rodrigues incorpora claramente a ideologia burguesa, para envolver as leitoras, nos romances folhetinescos. Nos romances não-folhetinescos e em *Asfalto Selvagem* percebemos que o autor faz crítica ao sistema organizado pela burguesia, ao revelar uma estrutura de valores que é própria dessa classe. (Eagleton 2001, p.20) A estrutura de valores, em grande parte oculta, que informa e enfatiza nossas afirmações factuais, é parte do que entendemos por “ideologia”: a maneira pela qual aquilo que dizemos e no que acreditamos se relaciona com a estrutura de poder da sociedade em que vivemos.

2.3 A LITERATURA E A PSICANÁLISE

Difícil é delimitarmos até onde temos fato e até onde temos ficção em uma obra literária. A arte imita a vida? A literatura tenta, por meio de representações de situações e de personagens, produzir o significado de determinados períodos e experiências. Para (Eagleton 2001, p. 209), o que talvez seja significativo é o fato de tais experiências se constituírem de uma maneira nova, como um campo sistemático de conhecimento. Esse campo é chamado de psicanálise e foi desenvolvido por Sigmund Freud em Viena, nos fins do séc. XIX.

A significação perseguida por escritores e por leitores torna-se motivação da arte literária, e por meio dela ambas as partes: leitor e escritor tentam diminuir a repressão dos valores sociais impostos pelas civilizações.

Segundo (Eagleton 2001, p. 209),

A motivação da sociedade humana é, em última análise, econômica”. Foi Freud e não Karl Marx, quem disse isso, em suas *Introductory Lectures on Psychoanaly*. O que tem dominado a história humana até agora é a necessidade de trabalhar; e para Freud, essa dura necessidade significa que precisamos reprimir algumas de nossas tendências ao prazer e à satisfação.

Nas obras romanescas de Rodrigues, observamos que quando os indivíduos não conseguem um extravasamento das repressões sociais tornam-se doentes, não só doentes psíquicos, mas também doentes físicos. Na obra *Asfalto Selvagem*, a personagem Arnaldo, pai de Engraçadinha, é o dito “homem de bem”, pois segue todos os padrões de repressão social, angariando para o seu desfecho o suicídio.

Em *O Casamento*, uma das personagens que se dizia positivista tem um derrame e morre no fundo de uma cama, em decorrência do que considera desrespeito do filho para com

ela. (Eagleton 2001, p. 210) Todo ser humano precisa sofrer repressão daquilo que Freud chamou de “princípio de prazer” em favor do “princípio da realidade”. Para alguns de nós (possivelmente para todas as sociedades), porém, a repressão pode se tornar excessiva e transformar-nos em doentes.

Freud coloca que a repressão sexual é necessária e que estamos de certa forma preparados para aceitá-la, desde que ela nos ofereça alguma coisa em troca. Mas se as exigências sociais forem excessivas, provavelmente adoeceremos.

(Eagleton 2001, p. 216) Uma maneira pela qual podemos enfrentar os desejos que temos condições de satisfazer é “sublimando-os”, o que para Freud significa dirigi-los para uma finalidade de maior valor social. Podemos encontrar um ancoradouro inconsciente para a frustração sexual na construção de pontes ou de catedrais. Para Freud, é em virtude dessa sublimação que a própria civilização surgiu. Desviando nossos instintos sexuais para esses objetivos superiores, a própria história cultural foi e é criada. E se talvez a história da cultura é criada dessa maneira, talvez a literatura seja também uma forma de extravasamento do inconsciente, a fim de conseguirmos gerar prazer e transmutarmos a repressão sexual em arte.

A Psicanálise e a literatura se cruzam no inconsciente do leitor e do escritor. Através da necessidade inconsciente de que todos temos de aliviar nossas tensões, de transformar em riso o que poderia ser choro, é que os registros dos perfis humanos ocorrem nessas duas faculdades. Escritores e leitores corressignificam uma obra por meio do inconsciente, embora a maioria dos leitores (Eagleton 2001, p. 217) subestime a enorme grandeza do inconsciente, colocando-o em um não-lugar, completamente indiferente à realidade, que não conhece lógica, negação, causalidade ou contradição. Totalmente entregue ao jogo instintivo dos impulsos e da busca de prazer. É justamente aqui que autor e leitor se encontram a fim de construir, inconscientemente, a ressignificação literária.

Os registros ligados à (Eagleton 2001, p. 219) “paranóia” - um estado mais ou menos sistematizado de alucinação, sob o qual Freud inclui não só a mania de perseguição, mas também o ciúme excessivo e a mania de grandeza - Rodrigues escreve sobre as principais carências geradas pela repressão. Cenas de ciúmes são as mais freqüentes, o que acaba gerando tipos verossímeis de relacionamentos patológicos.

A Psicanálise e a literatura estão diretamente ligadas aos estudos e aos registros dos diversos estilos de comportamento humano. Nos estudos da teoria de Freud, percebemos que ele apresenta uma (Eagleton 2001, p. 220) compaixão pelo ego que é uma compaixão pela raça humana, a qual vive sob as exigências quase intoleráveis que lhe são impostas, por uma civilização construída sobre a repressão do desejo e o adiamento da satisfação.

(Eagleton 2001, p. 263) A teoria freudiana considera que todo comportamento humano é motivado pela fuga da dor e pela busca do prazer: “trata-se de uma forma daquilo que em filosofia se chama de hedonismo. A razão por que a grande maioria das pessoas lê poemas, romances e peças, está no fato de elas encontrarem prazer nessa atividade lúdica.

A necessidade de prazer estende-se pelos diversos setores da vida do indivíduo que passa a lutar contra o que ele julga ser dor em favor de momentos de alegria. (Eagleton 2001, p. 222) A estimativa da capacidade humana é de modo geral conservadora e pessimista: somos dominadas por um desejo de satisfação e uma aversão a qualquer coisa que possa frustrar.

(Eagleton 2001, p. 265) “Os problemas do valor e do prazer literários parecem situar-se no ponto em que se juntam à psicanálise, à lingüística e à ideologia.”

Estudos psicanalíticos fundamentam que a maioria das pessoas que sofre tanto com a repressão social dá preferência aos romances que apresentam sempre um final feliz. Segundo (Eagleton 2001, p. 264), “um sintoma dessa curiosa situação é o fato de a palavra

“prazer” sugerir algo banal. Sem dúvida, ela é menos séria do que a palavra “sério”.

(Eagleton 2001, p. 264) A Psicanálise é, entre outras coisas, um arsenal intelectual que se volta para a exploração de questões fundamentais, tais como o que as pessoas consideram satisfatório ou não, e como aliviar o homem de sua miséria e torná-lo mais feliz. Se o freudismo é uma ciência, preocupada com uma análise impessoal de forças psíquicas, é também uma ciência interessada em livrar os seres humanos daquilo que frustra suas realizações e seu bem-estar. Trata-se de uma teoria a serviço da prática transformativa e, sob esse aspecto ele tem paralelos na política radical, bem como na arte.

2.4 O CASAMENTO

Reich (19--?), em sua obra *Casamento Indissolúvel* ou *Relação Sexual Duradoura?*, afirma que as condições sexuais para uma relação sexual duradoura dependeriam da independência econômica da mulher e da educação das crianças, realizadas pela sociedade. Para o autor, existe casamento quando duas pessoas de sexo oposto se amam e, eventualmente, têm filhos, sem que isso implique qualquer registro religioso ou civil. Os romances folhetins de Nelson Rodrigues - *Meu destino é pecar*, *Escravas do amor* e *Asfalto Selvagem* - embora sendo literatura feita para vender o ideário romântico-burguês da família patriarcal, apresentam como se caracteriza o casamento realizado à revelia dos sentimentos dos cônjuges.

Em *Meu destino é pecar*, a protagonista, Leninha, casa-se por pressão da madrasta, a fim de conseguir uma perna mecânica para a irmã caçula e de livrar seu pai da

cadeia devido às dívidas, relacionadas ao jogo clandestino.

Paulo casa-se com Margarida, Guida. Após o casamento, ela deixa-se seduzir pelo cunhado, Maurício. Paulo compra cães ferozes sob o argumento de impedir a entrada de ladrões na fazenda, onde moravam. Em uma de suas escapadelas noturnas, Guida é estraçalhada pelos cães. Paulo, que já sofria com a traição da esposa, passa a sofrer ainda mais com a morte dela. Decide, então, cometer suicídio, mas antes pretende casar-se com uma moça pobre, a fim de deixar-lhe sua fortuna e de impedir que seu único irmão herde tudo.

Paulo joga-se ao vício do álcool e conhece o pai de Lena na boemia. Ambos acordam o enlace. O casamento, por interesses financeiros, desenvolve toda a base estrutural da narrativa cheia de conflitos.

Leninha e toda a família dependiam financeiramente de Paulo. A protagonista, quando criança, viu sua madrasta seduzir seu pai, próximo ao leito, onde sua mãe agonizava antes de morrer. Se para Reich o casamento precisa acontecer fora dos padrões de dependência financeira, encontramos, na sociedade da época de Rodrigues e dos dias atuais, exemplos de pessoas que tentam justificar uma união por meio de convenções estereotipadas. Percebemos, então, que Rodrigues vai buscar, no meio cultural, personagens que vão ganhar voz e ação nos textos ficcionais, caracterizando já no seu primeiro folhetim a verossimilhança.

O casamento de Leninha e de Paulo, desde o início, apresenta-se claramente como uma relação de ódio, devido ao fato de ambos estarem atrelados a uma relação que lhes era desgostosa e que os impedia de ter outros prazeres. Para Reich (19--? p.12) a ausência prolongada de ternura numa relação sexual reduz o prazer sensual e com isso a satisfação sexual. O casal não esboçou qualquer tipo de demonstração afetiva no início da narrativa, pois a união por interesses gerava cada vez mais ódio entre eles. Sob o ponto de vista da ideologia subjacente, o desfecho da obra se dá quando acaba a convivência por gerar entre os dois

“amor”. O que levaria as leitoras a pensar que os casamentos que se realizam sem amor e por interesses, com o tempo, poderiam trazer felicidade, a exemplo de Leninha e de Paulo.

A idealização do belo masculino, vendida às mocinhas urbanas e suburbanas, aparece na imagem de Maurício - irmão de Paulo e cunhado de Leninha - rapaz sedutor e irresistível, por quem Leninha se apaixona na noite de núpcias e, só mais tarde, acaba sendo correspondida. O amor clandestino não se concretiza em decorrência das exigências da situação familiar de ambos. As imagens do padre Clemente e de D. Clara, sogra de Leninha, representam a postura da igreja e da *aristocracia* rural. O casamento, como sacramento, deveria ser mantido, tendo em vista o “happy end moral” das leitoras e maior renda para o jornal. Leninha se apaixona pelo marido, que já a amava pelo fato de ela ter sido a única mulher que resistira a Maurício. No final do romance, ambos esperam, juntos e completamente felizes, pela chegada do primogênito.

Na obra *Escravas do Amor*, Rodrigues coloca duas mulheres – mãe e filha - apaixonadas pelo mesmo homem, disputando o mesmo amor. Percebemos que as narrativas romanescas sugerem que o indivíduo nasce com seu destino pré-determinado por três fatores: raça, meio e momento histórico. Se analisarmos por esse ponto de vista, seria então natural que personagens que tenham os mesmos fatores de pré-determinação venham a ter os mesmos interesses sexuais. Irmãos e irmãs, pais e filhos, bem como mães e filhas podem vir a ter os mesmos objetos de desejo.

Em *Escravas do Amor*, o objeto de desejo de Lígia só é revelado ao leitor após a morte da personagem, Ricardo, quase noivo de Malu, filha de Lígia, a qual tinha pela morte do rapaz um sentimento de viuvez muito maior do que o de Malu. Passa a disputar espaço com sua grande rival, a própria filha, ao revelar-lhe: “A mim ele beijou, a você não!”. As desavenças entre mãe e filha só vão se desfazer no final do enredo, quando cada qual escolhe

seu objeto de desejo.

O casamento dos pais da protagonista Malu é outro exemplo de união “eterna e monogâmica burguesa”. O pai de Malu acaba por colocar a amante, Glorinha, vivendo na mesma casa da família, forçado pelas chantagens que Glorinha fazia com fotos de Malu em poses obscenas com rapazes nos EUA. Após a morte de Ricardo, a mãe de Malu apaixonou-se por um rapaz mais jovem, Cláudio. O rapaz vem a ser filho de Lígia e do marido, irmão de Malu. Lígia se reconcilia com o marido e Malu casa-se com um rapaz rico e de boa família.

Em *Asfalto Selvagem*, a protagonista, Engraçadinha, depois do falecimento do pai e do irmão, por quem teve grande paixão, vem a se casar com Zózimo, antigo namorado, que se sujeitava a muitas humilhações pelo seu objeto de desejo. Zózimo colocava-se em posição de veneração à esposa o que à Engraçadinha causava certos enojos. Zózimo, embora casado há vinte anos, não se sentia nem um pouco íntimo de sua esposa. Achava graça quando ouvia alguém falar em intimidade conjugal. A maior queixa do marido era nunca ter visto a esposa nua. Exceto uma única vez, clandestinamente, pelo buraco da fechadura, enquanto essa tomava banho. Fato acusado por ela e negado por ele. Rodrigues contextualiza as razões que levam uma mulher bonita e sensual a reprimir-se no casamento. (Rodrigues 1995, p. 293)

Certos maridos fazem a esposa odiar o sexo.

A esposa só se entregava ao marido para cumprir com suas obrigações matrimoniais, uma entrega longe das luzes, na penumbra, nas trevas, não permitia que a lâmpada do quarto ficasse acesa. A entrega a um objeto não desejado despertava-lhe sentimento de ódio pelo marido.

Segundo Reich (19--?):

A relação sexual torna-se um dever quando não há desejo entre os parceiros e essa situação corre o risco de se transformar em situação de ódio, quando inconscientemente se manifesta um estado crítico de irritação contra o outro,

irritação que conforme a educação se exterioriza ou se reprime pelo fato de o outro impedir sua satisfação com outros objetos sexuais.

Entre Engraçadinha e Zózimo, só ele tinha desejo. A protagonista curti lembranças secretas do irmão. Justificava não corresponder aos desejos e às fantasias do marido porque sua religião não a permitia. Engraçadinha desvela-se como menina, provocante e sedutora. Extravasava desejos sexuais pelo suposto primo, Sílvio, que mais tarde vem a ser revelado irmão. Engraçadinha cresce sem mãe, sem orientação sexual, ouvindo os elogios que vinham a ela de sua volta. Acredita que seu maior poder está na sedução e a usa para conseguir o que deseja.

Sua pulsão sexual arrastou para o suicídio os dois homens mais importantes de sua vida: o pai e o irmão. Após o trauma, Engraçadinha passa a reprimir a fonte que julgava causadora de sua dor: sua pulsão sexual. Busca na religiosidade argumentos para controlar sua “natureza” e auto-afirma-se como “mulher distinta”. Embora protestante e usando roupas discretas, sua beleza sensual arranca olhares cobiçosos e alimentam fantasias eróticas dos homens que a conheciam. (Rodrigues 1995, p. 253) *Com a capa de convertida, Engraçadinha é uma mulher quente.*

Reich (19--?): "As prescrições das igrejas sobre o pudor no vestuário e outras determinações morais ou ascéticas não produzem senão efeitos contrários, porquanto a repressão das necessidades sexuais serve sobre tudo para exacerbar a sua urgência."

Somente na maturidade Engraçadinha vai encontrar um objeto de desejo que compreenda e encante-se com sua pulsão sexual. Na adolescência, Sílvio a amava, mas julgava a entrega de Engraçadinha despudorada. Chegava a comparar a menina a uma prostituta. (Rodrigues 1995, p. 46) *Certas mulheres são prostitutas natas. Engraçadinha é uma delas.* E ainda: (Rodrigues 1995p. 47) *O que há é o apelo milenar, a nostalgia da*

prostituta que existe ainda na mais pura.

A protagonista, mesmo se dizendo “mulher distinta”, mulher unicamente voltada para o lar e para o marido, encontra, na relação extraconjugal, um certo equilíbrio entre a “mulher distinta” e a “mulher sensual”. Embora condenasse tal atitude, não abandonava tal relação, pois a “perdição” significava, inconscientemente, para ela um reencontro vital. A excitação sexual e a proibição do prazer tornam-se, assim, um delicioso quebra-cabeças.

Engraçadinha, quando jovem, era protótipo das mocinhas da burguesia brasileira, criada por um pai aparentemente conservador. Casa-se por julgar ser a melhor medida para o momento em que se encontrava, pois, após a morte do pai e grávida do irmão já falecido, casa-se com Zózimo para garantir seu sustento e para preservar a moral burguesa.

Reich (199--?):

O homem apenas pode ser plenamente feliz na satisfação dos seus instintos. Mas a necessidade de ganhar o pão e a luta contra a natureza hostil obrigam o homem a viver em sociedade. Conseqüentemente exige dele a renúncia parcial aos seus instintos e portanto à sua felicidade.

Engraçadinha, após a perda do pai e do irmão, converte-se ao Protestantismo e, mesmo buscando resgatar a sua vida sexual num namoro fora do casamento, vive uma obsessão pessoal para proteger seus filhos do “mundanismo”, e para manter a aparência duma boa família. Como se a religião pudesse impedir seus filhos de repetir o trauma sexual vivido por ela, na adolescência.

A contextualização do casamento burguês, feita por Nelson Rodrigues, desvela-se na necessidade de repressão sexual que as culturas em geral criam para poder viver em sociedade. Embora tenhamos aos nossos arredores diversos exemplos de casamentos insatisfatórios, pois como afirma (Rodrigues 1995, p. 151) *só um débil mental pode casar-se na presunção de que o casamento é divertido*, precisamos em parte de alguma repressão

sexual.

2.5 A FAMÍLIA

Os romances rodrigueanos apresentam e contextualizam suas personagens na estrutura familiar, explorando as origens das neuroses na infância as quais vêm a se desenvolver na adolescência e a se agravar na vida adulta. Os registros das neuroses apresentam suas bases na repressão sexual, que tem com linha mestra as ideologias romântico-burguesas de famílias patriarcais e conservadoras.

O conservadorismo, que exige a repressão sexual na formação cultural do indivíduo, acaba por favorecer a desenvoltura de algum tipo de compulsão, nas personagens. Na obra *Asfalto Selvagem*, a personagem Engraçadinha, filha de um grande conservador Arnaldo, homem que se dizia sério e comprometido com a família e com a pátria, por meio do autoritarismo acaba contribuindo para desenvolver na filha um quadro extremamente narcísico.

Em *O Casamento*, temos uma personagem que Rodrigues contextualiza como positivista e chefe dos Correios. O filho dessa personagem, Zé Onório, apresenta-se como invertido sexualmente. Sofre desde a infância com as repressões sexuais do pai. Certa vez, quando o pai o surpreendera mantendo relações sexuais com outro menino, submete o filho a uma surra que se estendeu por trinta dias.

Reich, (1977, p. 104) afirma:

O que mais comumente estabelece a atmosfera ideológica do conservadorismo é a

família compulsória. Seu protótipo é constituído pelo triângulo: pai, mãe e filho. Enquanto o ponto de vista conservador enxerga na família a base, como muitos dizem a “célula”, da própria sociedade humana, vemos nela, tomando em consideração as suas mutações no decorrer do desenvolvimento histórico e sua função social na respectiva época, o resultado de certas estruturas econômicas.

A figura do “homem de bem” é bastante explorada por Rodrigues. Os pais das famílias rodrigueanas são todos representantes dos esteriótipos da moral sexual romântico-burguesa. Diante da sociedade, apresentam uma postura imaculada, mas nos textos descritos pelo autor são justamente esses “homens de bem”, os guardiões da moral e das conveniências sociais, que sofrem com os grilhões da sexualidade reprimida.

São, no geral, personagens frias, mas que em determinados momentos agem de forma exacerbada como se o impulso sexual retido viesse a gerar um desdobramento em determinadas atitudes, deixando a personagem em meio a um grande conflito. Após tais atos de “escape”, as personagens passam horas pensando em como puderam agir daquela forma, recriminam-se severamente, mas voltam sempre a repetir as mesmas atitudes. Para Nelson Rodrigues, quanto mais as personagens buscam enquadrar-se nas regras sociais, maior pode ser o seu desajuste sexual. (Rodrigues 1995, p. 62) Todo tímido é candidato ao um crime sexual.

Em *Asfalto Selvagem*, a personagem Arnaldo, funcionário da Assembléia Legislativa, recrimina qualquer manifestação sexual que possa perceber. Passava horas repetindo para si frases de reforço da moral sexual. Tais como: (Rodrigues 1995, p. 67) *A esposa deve ser fria.* (Rodrigues 1995, p. 68) *Qualquer volúpia, mesmo entre marido e mulher, é uma mácula, realmente uma mácula.* (Rodrigues 1995, p. 68) *É nobre demais para ser sensual. Parecia-lhe que a mulher ‘nobre’ tem de ser fria, já que qualquer desejo – mesmo de marido e mulher – é fatalmente vil.*

Nos momentos introspectivos de diálogo consigo mesmo, entre uma frase de

repressão moral e outra, Arnaldo também se recrimina pelo seu crime sexual: A Cunhada. Arnaldo amara a esposa de seu irmão uma única vez e jamais a esquecera. Por ela, pelas lembranças dela, permitia-se navegar nas horas e ficava perdido em pensamentos nostálgicos e luxuriantes. Trancado no escritório, enquanto todos pensavam que ele trabalhava pela família, olhando a poltrona em que em outrora ele se deleitara de prazeres nos braços da cunhada, Arnaldo esquecia-se do mundo de repressão e ardia de saudades, para em seguida recriminar-se severamente. Era um “homem de bem”! E homens de bem não podiam deleitarem-se em prazer sexual nem com a esposa, quanto menos com a cunhada. As lembranças eram para ele um jogo paradoxal, dulcíssimas, mas também amargas.

Suas recordações seriam apenas doces se o mundo não passasse da porta de seu escritório e se não existissem as conveniências sociais. Afirmava de si para si (Rodrigues 1995, p. 83) *Só conhece o amor quem possui a cunhada impossível*. As recordações passavam a ser amargas, porque o mundo, além do escritório, exigia de Arnaldo a postura do “homem de bem”. Ele, o próprio Arnaldo, tinha necessidade de ser o “homem de bem”, a fim de obter um lugar de respeito que para ele era demasiado importante. *Armava-se* de “homem de bem” para a sociedade e só se permitia tirar a *armadura*, sozinho, trancado no seu escritório.

Reich (1977, p. 37):

No conflito impulso e moral, eu e mundo exterior, o organismo psíquico fica obrigado a *armar-se* tanto contra o mundo exterior, a tornar-se “*frio*”. Essa *armadura* do organismo pressupõe uma restrição mais ou menos ampla de toda a capacidade e atividade vital.

Em *O Casamento*, Sabino simbolizava para a sua família e para os colegas de trabalho a própria moral. A secretária, Noêmia, quando é convidada a sair com Sabino, sente-se lisonjeada por atrair a atenção sexual de um homem tão sério. O “homem de bem” que era Sabino, porém, desvela-se em um incestuoso e também um pederasta no decorrer do romance.

Violentara a afilhada durante uma crise epilética da menina, nunca entendera como aquilo pudera acontecer. A menina tremia-se toda, enquanto o desejo brutal explodia-lhe de algum lugar misterioso e selvagem de suas entranhas. A defloração da afilhada durante a crise fora animalesco, mas causara a Sabino enorme prazer.

Sentia prazer também quando estava nos braços da secretária, não por desejá-la, mas por imaginar a filha Glorinha, no lugar de Noêmia. Chamava por Glorinha e entregava-se à Noêmia, uma entrega parcial, pois sequer permitia-se ao desnudamento completo. A repressão sexual estendia-se ao físico. Achava que tinha canelas finas, não se deixava ver nu, completamente nu, pois era para si magro demais. Julgava que todo canalha era magro e escondia sua magreza como quem esconde uma mancha no caráter. (Rodrigues 1995, p. 84)

Os magros só deviam amar vestidos. Tinha ódio da própria nudez esguia e lívida.

Todos os romances rodrigueanos trazem a figura paterna como um fantoche, um boneco de representações das ideologias de repressão sexual da falsa moral romântico-burguesa. Em *Meu destino é pecar*, o primeiro sogro de Paulo cria suas filhas sobre fortes princípios de moral sexual e, após a morte suspeita de Guida, primeira esposa de Paulo, impõe à esposa e às filhas um luto escravizador. Acredita que Guida tenha sido assassinada e sofre mais por sentir sua honra agredida do que pela ausência da filha. Arrasta seus dias, procurando uma maneira de lavar sua honra e de vingar-se da família de Paulo. Não permite que as demais filhas namorem nem tenham vida social até que a vingança seja realizada. A repressão sexual que as moças viviam aumentava com a importância que o pai dava a seu plano de vingança.

Em *Minha Vida*, o pai da protagonista não suporta assistir ao suicídio da esposa pela rejeição de outro homem. Suportou a traição, enquanto o fato não caiu em conhecimento público, enquanto pudera manter para a sociedade o *slogan* de família unida a qualquer preço,

porém, no momento do suicídio da esposa, a constatação da traição passara aos comentários de todos na sociedade. Ele não suportou e também se suicidou, deixando a única filha aos cuidados da sogra.

Lúcia, em *Núpcias de Fogo*, é criada pelo padrasto que olha para a ela com ciúmes. Sente mais ciúmes ainda, quando sua filha Doris começa a crescer. Lúcia era filha do primeiro casamento da esposa, era bonita, atraente e jovial. Doris era filha dele, não tão bela, tornara-se invejosa e cheia de complexos, necessitando sempre do apoio da tia e do pai para conseguir o que desejava. Era como se Doris fosse o seu reflexo e Lúcia o reflexo do primeiro marido da esposa. A insegurança fazia com que ele reprimisse a enteada e se afastasse da mulher, postura que acaba por dividir definitivamente a família e contribui para levar a filha à loucura.

Dr. Carlos, em *Escravas do Amor*, tinha hábito de ter sempre um “casinho” extra-conjugal. Era casado com Lígia, mulher muito bela, com ares de menina, Lígia nunca envelheceria e ele sentia-se diminuído perto dela, sentia-se inseguro sexualmente e buscava segurança em relações fora do casamento. Em casa, porém, precisava manter a moral para a filha que era ainda moça e estava prestes a se casar. Permite-se chantagear por uma de suas amantes que dizia ter fotos de sua filha, em poses obscenas com alguns rapazes, no exterior. Em nome do *slogan* da família unida a qualquer preço, ele sede às chantagens dela. Não quer ver o nome da filha na boca das línguas maldizentes da sociedade carioca.

Reich (1977, p. 106) escreve:

A necessidade social de proceder segundo à ideologia sexual obriga a encobrir a miséria e a manutenção da família e do casamento; cria também a sentimentalidade familiar largamente difundida em *slogans*: tais como “felicidade familiar”, “lar doce lar”, “recanto tranquilo” e a felicidade que a família aparentemente significa para as crianças.

Em *A mulher que amou demais*, a repressão sexual aparece com maior força na imagem da futura sogra de Lúcia, mulher forte que usa de todos os argumentos para convencer Lúcia a não desistir do casamento, simplesmente porque não amava mais o noivo. A madrasta do noivo de Lúcia afirmava com firmeza que (Rodrigues 2003, p.56) *de todos os motivos que possam impedir um casamento, o mais fraco é a falta de amor*. E ainda que (Rodrigues 2003, p.57) *casamento de amor só existe na proporção de um por mil, se tanto. E não dá certo. Porque amor se gasta: essa história de amor eterno é bobagem. Basta que a mulher tenha tolerância pelo homem. Nada mais*.

A grande preocupação dos pais, sogros e noivo de Lúcia com a desistência dela em relação ao casamento, não era a falta de amor, mas o escândalo que isso poderia representar na sociedade, uma vez que até o ministro havia sido convidado. A futura sogra de Lúcia afirmava que (Rodrigues 2003, p.56) *não gostava de confusão e considerava a sinceridade a mais desagradável de todas as virtudes*. O que importava realmente para todos, menos para Lúcia e para Carlos, seu objeto de desejo, era a manutenção da falsa moral burguesa.

No romance *A Mentira*, o pai da protagonista dava graças aos céus por só ter filhas mulheres, pois as mulheres eram mais fáceis de serem manipuladas. Afirmava, com prazer, que um simples grito reduz e diminui qualquer mulher. Criara as filhas mais velhas com total repressão sexual. Não permitia que, mesmo depois de casadas, elas ficassem a sós com os maridos no quarto com as luzes acesas. O sexo com as luzes acesas era, para ele, uma imoralidade. Com a caçula, entretanto, ele permitia-se derreter em dengues. A repressão excessiva com as filhas casadas e o extremoso mimo para com a caçula acabava por distanciá-lo da esposa e das filhas, fragmentando a família.

Em consequência da repressão moral recebida no lar patriarcal pela figura do pai,

todas as jovens personagens dos romances analisados apresentavam-se de forma rebelde, como se quisessem romper com padrões pré-estabelecidos pelo meio em que se encontram.

Comportavam-se como se buscassem a reescritura inconsciente da sua história sexual. Tentavam angariar para si experiências que diferiam das experiências dos seus familiares mais velhos. Reich (1977, p. 105) afirma que “não é por acaso que a atitude dos adolescentes, respectivamente, a favor ou contra a ordem social vigente, até certo ponto corresponde à atitude deles, respectivamente, a favor ou contra a família.”

A estrutura da família patriarcal influencia, em todos os romances, o desenrolar e a construção da vida sexual dos indivíduos, como se o autoritarismo presente na figura do pai gerasse a repressão sexual, que vem a desencadear as neuroses apresentadas pelas personagens. Para Reich (1986, p.189), a família patriarcal é a fonte de reprodução, estrutural e ideológica, de todas as ordens sociais que se baseiam no princípio da autoridade.

Rodrigues descortina os valores ideológicos da família burguesa, por meio de narrativas irônicas que desmistificam os *slogans* produzidos pela sociedade, a fim de manter o quadro da moral.

Reich (1986, p.106):

No que se concerne à *ideologia sexual*, a ideologia matrimonial chega a confundir-se com o núcleo da família, o próprio casamento monogâmico duradouro. Por mais miseráveis e inconsoláveis, dolorosas e insuportáveis que sejam a situação conjugal e a constelação familiar, os membros da família têm de defendê-la ideologicamente tanto dentro como fora dela.

Todas as famílias retratadas por Rodrigues apresentam quadros que contextualizam as personagens na família e esta no contexto social formado pela burguesia. Não só a grande-burguesia, como também a pequena-burguesia, ou seja, tanto na classe dominante como na classe dominada as neuroses familiares estarão presentes.

Reich (1977, p. 106):

"As famílias da grande-burguesia distinguem-se das da pequena-burguesia, e estas por sua vez das dos operários. Todas elas, entretanto, estão expostas à mesma atmosfera moral-sexual, que não aniquila a moral de nenhuma dessas classes."

Encontramos aberrações como o narcisismo, por exemplo, em Silene (*Asfalto Selvagem*), filha de Engraçadinha e moça suburbana, assim como em Malu (*Escravas do Amor*), Glorinha (*O Casamento*), Lúcia (*A Mentira*), Suzana (*Minha Vida*), Evangelina e Guida (*Meu destino é pecar*), Lúcia (*A mulher que amou demais*) moças da alta sociedade.

2.6 O EROTISMO NARCÍSICO

Freud (1996 p. 81) afirma que o termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Näcke em 1899, para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma que o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, afaça-o e acaricia-o até obter satisfação completa através dessas atividades.

Observando os estudos desenvolvidos por Freud e por seus discípulos sobre o poder da auto-admiração que algumas pessoas apresentam e o poder de fascinação que elas passam a exercer sobre nós, percebemos que todas as protagonistas romanescas de Nelson Rodrigues apresentam quadros narcísicos, em exceção da protagonista de *Meu destino é pecar*, Lena, ou Leninha, moça sem grandes atrativos e cuidados para consigo mesma, pois arrumava-se de forma prática, desprovida de qualquer vaidade feminina. Seu desleixo para

consigo mesma chamava constantemente a atenção dos que estavam a sua volta. Jamais usava pintura, nem mesmo se maquiara para o próprio casamento. As unhas, sempre mal cuidadas.

Com o passar dos dias, porém, na fazenda da família do marido e sentindo-se enamorada pelo cunhado, começa despertar-lhe a vaidade e o gosto por ser mulher. Passou a escolher as melhores roupas e a admirar sua cintura fina diante do reflexo do espelho, mas somente após ter conhecido o cunhado.

Em *Minha vida*, Suzana Flag apresenta uma protagonista que ao perder a própria mãe vai morar com a avó. Começa a receber elogios das tias e da avó, que afirmavam com grande inveja: “Suzana, você será igual a sua mãe, tem um quê que os homens adoram deve casar cedo, ou não sei o que será de você.” A protagonista começa a se amar, observando o formato de seu rosto, da boca que sugeria de imediato a idéia de um beijo e, principalmente, o corpo atraente, que tiraria com facilidade a atenção de qualquer um na rua.

A menina começa a sentir-se mulher a partir dos comentários invejosos das outras mulheres. Ao manusear as combinações que herdara da mãe já falecida, passa a sentir um poder de sedução que lhe explode das entranhas, como se o fascínio exercido pelos homens estivesse ligado ao sangue da mãe morta, como se tivesse herdado da mãe não só as roupas eróticas, mas também o poder de sedução. Sentia-se forte com isso!

Durante toda a narrativa, a protagonista apresenta uma auto-admiração que a envolve também de orgulho e de egoísmo, principalmente no momento em que seu tio Aristeu declara, abertamente, a febre de seus desejos para com a moça e ela, num misto de medo e de lisonjeio, revela não querer homem nem um. O tio, porém, a prende numa ilha. Na mesma estavam as três irmãs de seu noivo prometido, Jorge, ex-amante de sua mãe.

As três irmãs estavam apaixonadas pela figura máscula e misteriosa de tio Aristeu e, tomadas de volúpia, disputavam arduamente o mesmo objeto de desejo entre si. Suzana,

apesar de sentir receio do tio, devido a rumores que corriam de um assassinato que ele cometera, tendo como vítima uma moça que lhe negara o amor, sentia-se soberana, pois ele era o dono da ilha em que mantinha todos presos e ela exercia poderes sobre ele. Sentia-se também feliz pelo fato de ter sido escolhida como objeto de desejo de um homem, que estava sendo disputado por três belas irmãs.

Não o queria de imediato, mas se deixasse claras as suas intenções, seu tio ficaria com uma das três irmãs. Então, para não perder a fonte que nutria nela o orgulho de ter sido escolhida, seu egoísmo falou mais alto e fê-la aceitar a proposta de casamento do tio.

Freud (1996.p.418) afirma que é possível ser absolutamente egoísta e, mesmo assim, manter poderosas catexias de objeto, na medida que a satisfação libidinal em relação ao objeto faz parte das necessidades do ego. Nesse caso, o egoísmo procurará fazer com que o esforço por obter o objeto não envolva prejuízos para o ego.

Como a escolha realizada por Suzana, que se viu entre manter a posição de mulher desejada e a possibilidade de ser substituída. Entre os dois fatores escolheu o que seria de melhor satisfação para o seu ego.

Em *A mulher que amou demais*, Lúcia, a protagonista, afirma que gosta, quando sai às ruas, e percebe que os homens a observam e mais do que isso sussurram palavras eróticas aos seus ouvidos. Gostava de se sentir bem mulher, mulher nos pequenos gestos, de uma feminilidade que irradiava de todo modo de ser. Sentia prazer ao ser disputada por dois belos irmãos: Paulo e Carlos. Ficava horas admirando-se em frente ao espelho e encantava-se ao despertar inveja nas mulheres que estavam a sua volta.

A protagonista de *Núpcias de Fogo*, também de nome Lúcia, admira seu reflexo e com tristeza conclui, que uma moça tão linda poderia ter uma sorte melhor. Devido a sua beleza e por ser filha do primeiro casamento de sua mãe, era sempre preterida em favor da sua irmã caçula, filha do segundo casamento, moça que se apresentava com características

fisicamente “inferiores” as da protagonista.

A maior tristeza de Lúcia era estar apaixonada pelo namorado da irmã, mesmo sendo desmerecida por todos em casa e, sem o apoio da mãe, que se fazia submissa ao marido e à própria cunhada, que morava com eles desde o nascimento de Doris, filha caçula. A protagonista, no entanto, revela ao se olhar no espelho e até mesmo quando coloca um vestido simples para andar pelas ruas, uma auto-admiração tão forte, que é capaz de sobreviver até mesmo às repressões sexuais que recebia dos familiares.

No início do romance, as duas irmãs vão a um baile de uma amiga, e lá conhecem um rapaz, por quem ambas se apaixonam. Lúcia, devido à repressão que vivia em casa e tendo que deixar tudo para a irmã caçula, foi obrigada a deixar, também, o objeto de desejo. Além de sentir medo de sofrer, nutrindo um amor por um rapaz tão belo e cobiçado, deixa de lado a sua crença no seu poder de sedução e começa a namorar um médico vizinho, Jorge, rapaz que demonstrava por ela grande paixão. Prefere ser amada a amar.

Para Freud (1996 p.416), "a noção de libido que encontramos ligada aos objetos e que é expressão de um esforço para obter satisfação em conexão com esses objetos, também pode deixar os objetos e colocar o próprio ego da pessoa em lugar deles."

Percebemos que entre o amor pelo objeto e o ego da protagonista, essa preferiu o seu ego.

No romance *Escravas do Amor*, a mãe da protagonista e a própria protagonista apresentam características narcísicas. Ambas demoravam-se em frente ao espelho num enamoramento de si mesmas, das formas de seus corpos, do jeito com que as roupas lhe caíam e dos comentários que geravam perante os homens, bem como a inveja que causavam nas mulheres. Mãe e filha chegavam a disputar a beleza, e constantemente perguntavam às pessoas conhecidas e discutiam entre si. “*Quem é a mais bela, a moça, com atributos joviais e por vezes inocentes, ou a mulher, madura com experiência de vida e serena?*”. A disputa

entre mãe e filha se dava também em relação ao objeto de desejo: Ricardo.

Para Freud (1996 p.417):

A libido e o narcisismo estão interligados, sendo que ocorre uma fixação da libido ao próprio corpo e à personalidade da pessoa, em vez de se fazer a um objeto, ela não pode construir um evento excepcional ou trivial. Pelo contrário, é provável que esse narcisismo constitui a situação universal e original a partir da qual o amor objetual só se desenvolve posteriormente, sem que, necessariamente por esse motivo o narcisismo desapareça.

Lígia e Malu, em *Escravas do amor*, no decorrer da narrativa desenvolvem interesses por objetos diferenciados, já que Ricardo não estava mais vivo. Mesmo desejando outros objetos, não deixavam de se auto-erotizarem, caracterizando-se como narcísicas.

Todas as protagonistas dos romances de Rodrigues, antes de encontrarem um objeto de desejo, desenvolvem em si mesmas os mimos e os cuidados que direcionariam a um outro objeto e, mesmo após tendo encontrado o alvo de desejo em outrem, elas ainda as cultivam em si caracterizando-se como narcísicas. Para Freud (1996, p.417) essa capacidade para o auto-erotismo é a base do atraso da sexualidade, no processo de educação no princípio de realidade. O auto-erotismo seria, pois, a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido.

Nos romances folhetinescos, o narcisismo é apresentado quase como uma inocente auto-admiração de adolescente. Assim, o auto-erotismo aparece como um auto-conhecer-se sexualmente e não chega a ter características gritantes do narcisismo como afirma Freud (1996, p.416) antes uma doença psicótica relacionada à vida erótica normal.

Nas obras *Asfalto Selvagem*, *A Mentira* e *O Casamento*, a auto-admiração e o auto-erotismo chegam a levar a personagem à categoria de assujeitamento existencial, a ponto de gerar um descontrole na ânsia de romper com as barreiras dos tabus de uma sociedade que ensinou, por séculos, que sexo decente servia apenas para procriar. Rodrigues destaca também

o poder de fascinação que essas personagens têm sobre leitores, pois todas as personagens que se encontram em torno das protagonistas narcísicas, admiram-nas e invejam-nas, quando não as amam loucamente. Freud (1996 p. 96) afirma que é como se nós as invejássemos por manterem um bem-aventurado estado de espírito – uma posição libidinal inatacável que nós próprios já abandonamos.

Em *Asfalto Selvagem*, Engraçadinha, com seu poder de sedução, usa de todos os artifícios para conquistar Silvio, noivo de sua prima Letícia. A protagonista encontra vários obstáculos, sobretudo porque o próprio Silvio resistia a ela, pois temia a auto-confiança e o poder de sedução que Engraçadinha exercia sobre ele. Temor esse que Freud (1996 p.96) classifica com reverso do narcisismo, pois grande parte da insatisfação daquele que ama, de suas dúvidas quanto ao amor da mulher, de suas queixas quanto à natureza enigmática da mulher, tem suas raízes nessa incongruência entre tipos de escolha de objeto cobiçado.

Em *O Casamento*, Glorinha, filha de um grande empresário, aparece como o centro das atenções desde quando menina e, com grande poder de observação, percebe nitidamente que é cobiçada por todos a sua volta e quem não a erotiza tem por ela inveja (como suas irmãs). Não escapa do erotismo nem da própria mãe que, segundo a menina, beijara-a na boca durante um banho. Nem do pai, quando tenta arrancar dele uma confissão de amor às véspera de seu casamento.

O noivo que, segundo as tradições sexuais da sociedade, deveria estar envolvido afetivamente com a moça, não erotiza Glorinha e sim o enfermeiro do ginecologista da família de sua noiva. Nelson coloca a protagonista como uma personagem capaz de canalizar paixões das pessoas que estão a sua volta, tornando-se o centro das atenções.

Freud (1996, p95) afirma que:

A importância desse tipo de mulher para a vida erótica da humanidade deve ser levada em consideração. Tais mulheres exercem o maior fascínio sobre os homens, não apenas por motivos estéticos, visto que em geral são as mais belas, mas também por uma combinação de interessantes fatores psicológicos, pois parece muito evidente que o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram uma grande parte do próprio narcisismo em busca do amor objetual.

Em *A Mentira*, a protagonista Lúcia, caçula e adolescente, que cresceu mimada por todos, passa a exercer domínio sobre os membros da família.

Rodrigues (2002, p.10) afirma que:

"[...] naquela casa era assim. A filha menor tiranizava a mãe, as irmãs, os cunhados. Cheia de manhas e de mimos, respondona, desafiava os mais velhos, implicando até com o cachorro da casa, era um caso sério de petulância e de inconveniência."

Como percebemos, no início do romance, a personagem apresenta o narcisismo também através das influências que exerce sobre as demais personagens, pois era muito bela. Assim, todo o conflito da narrativa vai se dar em torno de uma série de enganos, os quais começam no ginecologista e acabam por revelar as paixões que a menina despertava no próprio cunhado e principalmente em um vizinho, o aleijadinho, com quem mantinha um namoro às escondidas. Namorava o rapaz, porque ele se mostrava deveras apaixonado pela menina e ela ficava com ele, pois se encantava com tanto amor que o "coitado" lhe nutria.

Freud (1996, p. 95) afirma que:

"[...] as mulheres, especialmente se forem belas, ao crescerem desenvolvem certo autocontentamento, pois as compensa das restrições sociais que lhes são impostas em sua escolha objetual. Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável a do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas sim de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá nas boas graças da amada.

2.7 O INCESTO

O incesto, tema constante nos romances rodrigueanos, é trabalhado com maior sutileza nos romances folhetins, pois o incesto aparece apenas como carinho especial entre os familiares. Rodrigues só vai deixar claras as incumbências desses afetos nos romances não folhetinesco (exceto em *Asfalto Selvagem*, romance de transição).

Freud (1996) em seus escritos - *Totem e Tabu*, *O Horror ao Incesto* -, apresenta pesquisas realizadas sobre tribos primitivas do planeta. Concentra-se nos aborígenes da Austrália e mostra que as tribos primitivas não têm grandes restrições de moral sexual entre eles, mas são rigorosos quando se trata de incesto familiar e do espiritual. Assim, o respeito ao incesto parece ser regra básica nas tribos primitivas, assemelhando-se também ao da Igreja Católica que estendeu suas proibições ao casamento entre irmãos e irmãs e aos que são meramente parentes espirituais, como padrinhos, madrinhas e afilhados.

No folhetim *Meu Destino é pecar*, Maurício e sua mãe, Conceição, aparecem sempre mantendo relações de carinho especiais um para com o outro. Maurício, rapaz extremamente belo, é considerado irresistível pela própria mãe. Conceição adverte a nora Lena, antes que esta o conheça, de que não há no mundo mulher que resista a Maurício. Tenta disfarçar seus carinhos especiais para com ele, mas as pessoas que estão a sua volta acabam percebendo.

As duas grandes paixões vividas pela personagem Maurício têm como objeto de desejo as esposas de seu irmão Paulo: Guida e Lena.

Maurício acreditava viver às escondidas com Guida. Na verdade, mantinha um

relacionamento com Evangelina, irmã de Guida. Assim que Maurício e Guida se conheceram, esta passou a confidenciar-se com a irmã Evangelina, a qual não resistiu e acabou também se apaixonando por Maurício. Quando Guida morreu, esfaqueada por cães ferozes, Evangelina tomou o lugar da irmã junto a seu objeto de desejo, uma vez que ambas eram muito parecidas, caracterizando, também, o incesto.

Em *Núpcias de Fogo*, o pai de Doris, após o nascimento da filha, distancia-se claramente da esposa e da enteada, dedicando carinhos especiais à caçula e buscando sempre realizar os desejos da filha legítima. Como percebemos, o incesto é trabalhado sutilmente, aparecendo apenas como um carinho especial o que não ocorre com os romances trabalhados a seguir.

Escravas do Amor traz a mãe, Lígia e a filha, Malu, apaixonadas pelo mesmo homem, Ricardo. A paixão de Lígia por Ricardo, porém, só é revelada após a morte do rapaz, por uma declaração que ela mesma faz à filha.

Segundo Freud (1996, p.33) uma mulher cujas necessidades psicosssexuais deveriam encontrar satisfação no casamento e na vida de família é muitas vezes ameaçada pelo perigo de ficar insatisfeita porque sua relação matrimonial chegou a fim prematuro e por causa da monotonia de sua vida emocional. Uma mãe, à medida que envelhece, se salva disso colocando-se a si própria no lugar dos filhos e identificando-se com eles.

No romance, Lígia é descrita fisicamente muito semelhante a Malu e aparece, no início da narrativa, dando dicas de sedução para a filha em relação ao relacionamento com Ricardo. Com isso, o casamento de Lígia passa por uma fase de desinteresse entre os cônjuges.

Malu procede segundo as dicas fornecidas pela mãe e faz com que o rapaz se ocupe o tempo todo com fantasias, sobre ao primeiro beijo da moça. No decorrer do enredo, quem se revela loucamente apaixonada por Ricardo é justamente Lígia, o que faz com que

classifiquemos essa relação como incestuosa, pois para Freud (1996, p. 33) a identificação da mãe com a filha pode ir tão longe que ela própria se apaixone pelo homem que a filha ama. Encontramos, ainda, na obra o amor de Lígia por um rapaz mais jovem. Lígia afirmava ter pelo rapaz um carinho especial. Mais tarde, o autor nos revela que ambos são mãe e filho.

Em *Asfalto Selvagem*, Rodrigues trabalha o incesto presente em praticamente toda a narrativa. O incesto é a linha mestra do romance. Arnaldo, pai de Engraçadinha, apaixona-se por sua cunhada, esposa de seu irmão. Dessa união nasce Sílvio. A protagonista Engraçadinha, quando menina, desenvolve uma ardente paixão pelo próprio irmão, Sílvio que até então era considerado seu primo. Do relacionamento entre Engraçadinha e Sílvio nasce um filho, Durval, o qual posteriormente desenvolve um carinho especial por sua irmã mais moça, Silene. A própria Engraçadinha muitas vezes refletia sobre a situação: os dois não se gostavam como irmãos, mas sim como namorados, temia a possibilidade de ver a história dela e de Sílvio se repetir entre Durval e Silene.

No romance não-folhetinesco *A Mentira*, a protagonista Lúcia, caçula mimada e chamada de tirana pelo próprio Nelson Rodrigues, era a preferida do pai e vivia aprontando, mas jamais levava um castigo. O pai, “homem de bem” com uma postura rígida e incapaz de se abalar com qualquer coisa, incapaz de rir ou de chorar, permitia-se derreter em carinhos e em mimos, dedicando a ela toda a sua atenção.

Em *O Casamento*, Rodrigues explora o incesto e a homossexualidade juntos. A protagonista Glorinha, revela a seu pai o beijo na boca, roubado pela própria mãe, às vésperas do seu casamento. Quando ela e seu pai saem sozinhos de carro para uma despedida, ela o leva a uma praia deserta e tenta arrancar-lhe a confissão de que ele também a deseja. Ele nega, mas demonstra que a filha tem razão em suas afirmações. Sabino, pai de Glorinha, seduz a secretária e durante o ato sexual chama pelo nome da filha caçula. Glorinha, durante sua

primeira relação sexual, imagina o pai no lugar do rapaz que estava com ela.

No romance assinado por Myrna - *A mulher que amou demais* - temos Paulo e Carlos, dois irmãos que disputam a mesma noiva. Carlos já havia roubado a namorada de Paulo, há alguns anos. Virgília, porém, morrera afogada em uma lagoa. Paulo seria o principal suspeito pela morte da moça. A história volta a se repetir quando, nas vésperas do casamento de Paulo e Lúcia, Lúcia encontra Carlos na rua e ambos se apaixonam instantaneamente. Lúcia rompe com Paulo e fica com Carlos.

A repetição de padrão ocorre também em *Minha Vida*, Suzana Flag. O pai da protagonista e o irmão Aristeu, quando jovens disputavam a mesma namorada, a mãe de Suzana. Após o suicídio dos pais de Suzana, Aristeu direcionou à sobrinha a paixão que nutria pela cunhada. Enfrentou uma luta sadomasoquista para conquistá-la e ambos ficaram juntos.

Por meio do incesto, as personagens romanescas rodrigueanas desenvolvem o maior quadro de pré-determinação existencial. Seguem, sem poder de escolha, padrões que já lhes foram impostos na linearidade hereditária de suas histórias, sem que elas tinham o poder de mudar o que já vem acontecendo em outras gerações com seus familiares.

2.8 A PEDERASTIA

Em dois romances, Rodrigues apresenta a questão da pederastia, masculina e feminina. Em *O Casamento*, o mais polêmico de todos os romances rodrigueanos, (proibido inclusive pelo governo de Castello Branco), o autor costura pulsões sexuais verossímeis existentes nas famílias e denuncia as patologias familiares, que havia por detrás dos tabus que

envolviam casamentos cariocas.

Uma das cenas mais chocantes foi, sem dúvida, a do filho pederasta, Zé Onório, que tentou vingar-se de um pai conservador, autoritário e racista, o qual havia perdido os movimentos do corpo em decorrência dum derrame e encontrava-se enfermo numa cama, pois jamais aceitara o fato de ter um filho pederasta. Vingou-se do pai, no momento em que chamou alguns amigos para testemunhar o ato sexual dele com um rapaz negro, na frente do pai. Após a vingança, o pai morreu.

Freud (1996, p.14) escreve:

A teoria popular sobre a pulsão sexual tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades – o homem e a mulher – que aspiram a unir-se de novo no amor. Por isso causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem e sim a mulher, representa o objeto sexual. Diz-se dessas pessoas que são “de sexo contrário”, ou melhor “invertidos”, e chama-se o fato de inversão. O número de tais pessoas é bastante considerável, embora haja dificuldades em apurá-lo com precisão.

O Casamento explora duas situações diferentes: a pederastia e a inversão. O filho do positivista apresenta traços de feições femininas e o noivo, que também é apresentado como invertido, sem mostrar características de feminilidade. O filho do positivista sente-se mulher e busca outros homens, transformando-se em grande vergonha para seu pai, conservador.

Freud (1996, p. 14) classifica tais casos como:

Inversão absoluta, ou seja, o objeto sexual só pode ser do mesmo sexo, enquanto o sexo oposto nunca é para eles objeto de anseio sexual, mas antes os deixa frios ou até mesmo desperta aversão sexual. Quando se trata de homens, essa aversão os incapacita de praticarem o ato sexual normal, ou então não extraem dessa prática nenhum gozo.

O noivo apresenta uma outra característica de inversão, pois possui poucos traços

de feminilidade e busca em seus parceiros a marca do sexo oposto. Rodrigues explora a situação para revelar o interesse sexual que o noivo cultivava por outro rapaz, ao ser flagrado beijando a boca de seu amante no ambiente de trabalho deste. O autor deixa claro que o próprio noivo foi quem procurou pelo rapaz, situação que demonstra grande obsessão, ao envolver-se sexualmente com o enfermeiro do ginecologista e amigo da família de sua noiva.

O noivo não levantava suspeitas de inversão, mas buscou um parceiro com características do sexo oposto. Para Freud (1996, p.14) “podem ser invertidos anfígenos (hermafroditas sexuais), ou seja, seu objeto sexual tanto pode pertencer ao mesmo sexo quanto ao outro; falta à inversão o caráter de exclusividade.”

Letícia, prima de Engraçadinha, em *Asfalto Selvagem*, é apresentada por Rodrigues dentro das duas classificações de Freud sobre a inversão caracterizada um caso de homossexualidade. Letícia, quando menina, admirava na prima o formato do corpo, da boca e o jeito de ser. Quando moça, mesmo gostando do noivo Sílvio, cultivava pela prima segretos desejos, o que caracteriza um caso de inversão anfígena. Tentou, então, seduzir a prima com um beijo na boca, ao ser censurada acabou desistindo e se culpando. Após a morte de Arnaldo - pai de Engraçadinha, Letícia casa-se e, depois de alguns anos, reaparece viúva e milionária, disposta a lutar por seu amor de infância, caracterizada por Freud como inversão absoluta.

A pederastia é tema não muito comum nos romances desenvolvidos por Rodrigues, mas é apresentado com um tipo de erotização, por vezes mais forte que o incesto. As personagens pederastas julgam ter pelo objeto de desejo um amor puro e verdadeiro, capaz de romper com os dogmas sociais. Julgam-se pessoas de grande caráter e que por isso sabem amar como ninguém, com um amor fora do normal, já que para eles o amor normal é repleto de convenções sociais. Como afirma a personagem Letícia à Engraçadinha (Rodrigues 1995, p. 99) “ – Ah! Não é normal! Escuta! Se fosse normal, eu não te daria meu noivo! Eu não

viveria por ti! O que Letícia queria dizer em outras palavras é que amor normal não tem imaginação, nem audácia, nem as grandes abjeções inefáveis. É um sentimento que vive de pequeninos escrúpulos, de vergonhas mediócras, de limites covardes.

Rodrigues também apresenta a subjugação que as personagens conservadoras exercem sobre as pederastas, como na fala do ginecologista ao dizer que (Rodrigues 2003, p. 9) *é mil vezes melhor uma filha puta do que um filho puto*. E ainda: (Rodrigues 2003, p. 9) *É um mistério que eu não entendo. Você entende? Nas velhas culturas cabe a inversão sexual. Cabe. Mas o Brasil é um povo jovem, um povo sem múmias. A nossa pederastia incivilizada, semi-analfabeta, o humilhava como brasileiro.*

2.9 O SADISMO E O MASOQUISMO SEXUAL E MORAL

Laplanche e Pontalis (2001, p. 466) afirmam que sadismo é uma perversão sexual em que a satisfação está ligada ao sofrimento ou à humilhação infligida a outrem. O Masoquismo corresponde a um retorno sobre a própria pessoa e ao mesmo tempo a uma inversão da atividade em passividade. Sadomasoquismo designa um par de opostos fundamental, quer na evolução, quer nas manifestações da vida pulsional.

Rodrigues explora, durante seus romances, o fascínio sexual que algumas personagens desenvolvem, a partir do sofrimento provocado pela rejeição do objeto de desejo. As personagens narcísicas, geralmente, são apresentadas em situações de intensa disputa amorosa e a própria disputa parece excitar quem está nela envolvido. O fato de sentirem prazer em disputas sofridas leva as personagens a se deixarem envolver ora por um sadismo,

ora por um masoquismo, quando não por um sadomasoquismo.

Em *Asfalto Selvagem*, percebemos vários vínculos de sadomasoquismo em torno da personagem Engraçadinha. A própria protagonista cobre de cortejos o noivo da prima, Letícia. Embora ele a rejeite com frequência, ela continua insistindo na sedução, como se a rejeição causasse a ela uma espécie de prazer.

Na primeira parte do romance, quando a protagonista era ainda adolescente, encontra-se o próprio Sílvio que se apresenta com características sádicas, já que rejeita Engraçadinha e ao mesmo tempo a deseja.

Freud (1996, p. 36) afirma:

"A sexualidade da maioria dos varões exhibe uma mescla de *agressão*, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante o ato de *cortejar*."

Encontra-se contrastando com Sílvio, Zózimo, noivo prometido à Engraçadinha e profundamente desprezado por ela. Com a morte de Arnaldo, pai da protagonista, Zózimo casa-se com seu objeto de desejo, mas o tratamento da esposa para com o marido, não é diferente do da noiva para com o noivo. Zózimo jamais contraria a esposa e submete-se de forma passiva a todas as vontades dela, caracterizando-se um masoquista.

Freud (1996, p. 37) escreve:

"A designação de "masoquismo" abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais extrema das quais parece ser o condicionamento da satisfação ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual."

Inicialmente, Letícia - prima de Engraçadinha - e o juiz comportam-se como masoquistas, agindo com passividade e submissão. Aceitavam o sofrimento perante a rejeição do objeto de desejo. Letícia, entretanto, reaparece na segunda parte do romance disposta a sair

da passividade e a seduzir sua prima, mesmo que para tanto precise se utilizar de chantagens. Assim o faz. Ameaça contar a Durval, filho de Engraçadinha, o envolvimento da protagonista num namoro extraconjugal. Percebemos que Letícia passa de masoquista à sádica, já que busca agredir o objeto de desejo a fim de seduzi-lo.

Em *Núpcias de Fogo*, a masoquista Doris desde o início do romance apaixonou-se por um rapaz, que além de demonstrar muito interesse por sua irmã, Lúcia, era noivo de uma moça que se encontrava em pleno estado de loucura. O rapaz deixou claro desejar Lúcia e não Doris, porém mesmo sabendo-se preterida, Doris fez de tudo para seduzi-lo.

Escravas do Amor traz Glorinha, moça humilde que se submeteu às maiores humilhações para ficar perto e reconquistar o seu objeto de desejo, o pai da protagonista. Quando percebeu que o romance estava acabando, passou a utilizar-se de chantagens com fotografias da filha do ex-amante com rapazes em trajes íntimos, nos Estados Unidos. Com tais chantagens, Glorinha conseguiu morar na casa da família de Malu e sujeitou-se a humilhações freqüentes dos que moravam na casa, somente para poder ficar perto de seu objeto de desejo. Bob, o jardineiro da família, também apresenta características masoquistas. Aparece na narrativa apaixonado por Malu, por ela lutou drasticamente com uma onça. Saiu praticamente mutilado. Arriscou sua vida por ela e foi constantemente rejeitado.

No romance *Minha Vida*, obra em que Suzana Flag faz um relato de sua própria história. Rodrigues coloca uma das irmãs de Jorge (pretendente de Suzana) descrita como moça bonita e encantadora, apaixonada por Aristeu, tio e também pretendente de Suzana, o qual faz de tudo para possuir a sobrinha. A irmã de Jorge, entretanto submete-se a humilhações constantes para poder conquistá-lo. Acompanha pessoalmente tudo que Aristeu faz pela rival, o fato de ter levado a todos para uma ilha deserta, simplesmente para evitar o casamento de Suzana com Jorge. Assistiu, pessoalmente, à maneira brusca com que Aristeu

leva Suzana a casar-se com ele e, mesmo assim, continuava apaixonada, caracterizando masoquismo, pois quanto mais humilhações sofria mais presa a Aristeu ficava.

Em *O Casamento*, a secretária do pai da noiva, embora tenha sido humilhada pelo chefe, também fora obediente a ele em qualquer situação e não deixou de servi-lo quando foi proposto a ela um encontro fora do escritório. Ela encantou-se pelo fato de ter chamado a atenção e por ter despertado desejo em um homem que era tido por sério e por conservador.

A mesma rispidez com que a tratava no escritório estendeu-se no ato sexual, realizado num quatinho, que alugara especialmente para esses fins.

O contato sexual do chefe para com a secretária não teve afetividade, mas ela fica cada vez mais envolvida emocionalmente. Ele sai do encontro com nojo e com pena da pobre moça, pensando até mesmo em demiti-la. Ela, porém, mesmo sentindo-se usada e desprezada, enamora-se cada vez mais dele.

Rodrigues coloca a relação de subordinação que existe na vida social sendo estendida até a vida privada, através do que Freud (1996, p.39) vai caracterizar de masoquismo moral a subordinação que a personagem sofre no trabalho e de masoquismo sexual a sujeição da secretária aos caprichos sexuais do chefe.

Maurício e Evangelina, personagens de *Meu destino é pecar*, sustentam uma relação conjugal sobre um masoquismo sexual de ambas as partes. Maurício é apresentado por Suzana Flag, desde os primeiros capítulos, como um homem sedutor que só se apaixona por mulheres comprometidas, como se o fato de elas não estarem livres, despertasse nele os mais intensos desejos. No romance, todo o conflito central gira em torno do masoquismo sexual de Maurício, que se apaixona e envolve-se com a primeira esposa de seu irmão Paulo, o qual, depois de viúvo, casa-se com a protagonista Lena, por quem mais tarde também Maurício vai se apaixonar.

Evangelina, irmã da primeira esposa de Paulo, com quem tinha grandes semelhanças físicas, arma uma situação para poder envolver seu objeto de desejo: Maurício. Como era livre e Maurício só se apaixonava por mulheres comprometidas, fez passar-se pela irmã que morreu esfaqueada por cães ferozes. Mentiu dizendo que quem morreu foi uma criadinha da fazenda, onde morava a família de Paulo. Maurício acreditou e os dois passaram a viver juntos numa cabana escondida na floresta.

Por algum tempo foram felizes, mas Maurício, tendo seu objeto conquistado, parte em outra busca masoquista: a conquista da nova cunhada. Evangelina, mesmo sabendo das condições que seu objeto de desejo lhe proporcionava, não desiste de tê-lo ao seu lado. Enfiltra-se, às escondidas, na família e sente-se ainda mais apaixonada ao confirmar que Maurício, agora, gostava de outra e luta para reconquistá-lo, submetendo-se a confirmações constantes de que era preterida pelo homem amado.

Rodrigues observa as relações de sadismo e de masoquismo sexual e moral, que coexistem na sociedade e envolve inconscientemente as pessoas, fazendo com que os instintos arrebatem com os laços morais da sociedade em que os indivíduos estão inseridos. É, porém importante registrar que em alguns casos não se pode separar sadismo de masoquismo. Freud (1996, p. 37) afirma que se pode reconhecer que o masoquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, o lugar do objeto sexual.

2.10 O COMPLEXO DE ÉDIPO

Segundo Laplanche e Pontalis (2000, p.77) Complexo de Édipo é um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. O complexo de Édipo aparece em quatro romances rodrigueanos: *O Casamento*, *A mentira*, *Asfalto Selvagem* e *Núpcias de Fogo*.

Em *O Casamento*, a personagem Glorinha, a noiva, aparece sendo sempre a preferida pelo pai e também a preferida dentre os demais membros da família. Personagem narcísica, Glorinha julga-se perfeita e sedutora, capaz até mesmo de seduzir os próprios pais. As fantasias de sedução são reveladas no último capítulo, quando a noiva leva seu pai a uma praia deserta e revela a ele ter sido beijada, na boca, pela própria mãe e acusa o pai de também desejá-la. Rodrigues não deixa claro o fato, se Glorinha é desejada sexualmente pela mãe, caracterizando incesto, ou se nutre fantasias de sedução em relação a ela, o que retrataria um caso de complexo de Édipo. Lembramos, entretanto, que o complexo de Édipo e o incesto, em determinados casos ocorrem mutuamente.

Freud (1996, p.432) escreve: "Uma fantasia de ser seduzido, quando não ocorreu sedução nenhuma, geralmente é utilizada por uma criança para encobrir o período auto-erótico de sua atividade sexual."

Na obra *A Mentira*, a protagonista Lúcia comporta-se hostilmente com relação à mãe e às irmãs e corresponde à adoração que o pai lhe tem.

Doris envolve-se em situações parecidas, em *Núpcias de Fogo*: o carinho que ela e o pai têm reciprocamente.

Ambas as personagens, Lúcia e Doris, apresentam tanta afeição pelo pai que chegam a desejar o mal para as mulheres que rodeiam a figura paterna.

Ao contrário de Doris e de Lúcia, temos a irmã de Doris que se volta para a mãe, como se ela fosse toda e única proteção que a menina tinha em vida. Mãe e filha acabam

desenvolvendo uma confiança mútua e os demais membros da família passam a ser vistos quase como inimigos. O amor que a irmã de Doris tem pela mãe contrasta com os sentimentos ciumentos que demonstra em relação ao padrasto.

Laplage e Pontalis (2000, p. 77)

Sob a forma dita positiva o complexo apresenta como na história de Édipo-Rei: desejo de morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo.

Em *Asfalto Selvagem*, Durval idolatra Engraçadinha e tem ciúmes dos homens que estão em volta da mãe. Percebe que Odorico, o juiz, corteja Engraçadinha e por isso o trata com constante hostilidade. No mesmo romance, o ódio do filho não se volta para o pai, pois a relação de Zózimo e de Engraçadinha não representava uma ameaça de perda de amor para Durval, já que a relação da protagonista com o marido era nitidamente uma relação de aparências. Em contrapartida, o juiz, com todos os seus presentes e galanteios, caracterizava-se um rival.

As personagens romanescas rodrigueanas desenvolvem o complexo de Édipo intercruzado como incesto. Em alguns casos não podemos distingui-los um do outro, mas percebemos que o incesto está mais ligado à erotização e a atos de afetos sexuais e o complexo de Édipo às fantasias eróticas das personagens.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada possibilitou-nos a busca de um material que estava até então esquecido pelo meio acadêmico: os romances de Nelson Rodrigues, uma vez que nem mesmo as editoras guardam alguma cópia de todos os romances folhetinescos, o estudo serviu também para catalogação literária. Lamentamos encerrar esse trabalho sem ter encontrado o livro *O Homem Proibido*, único romance que não fez parte dessas análises.

A presença marcante do erótico fabricado pelas personagens na formação da família burguesa perpassa os oito romances e levou-nos ao deslumbramento da construção da autoria rodrigueana que se inicia com grande romantismo, em *Meu destino é pecar*, encerrando inclusive com *happy end* clássico e chega à silueta erótico-romanesca das taras patológicas que vão ser desveladas nos três últimos romances: *Asfalto Selvagem*, *A Mentira* e principalmente em *O Casamento*, apresentando as aberrações sexuais sobre as quais encontramos estudos satisfatórios na Psicanálise de Freud e de Reich.

A repetição dos padrões familiares é eixo central nos romances. As personagens geralmente se apresentam com rebeldia familiar, o que Reich vai classificar como uma necessidade inconsciente de romper com esses fatores de pré-determinação sexual. Ao

desenrolar da narrativa, porém a repressão sexual que os pais viveram na juventude, é direcionada aos filhos, em uma tentativa de protegê-los das aberrações sexuais. Torna-se, para a juventude, mais prático e seguro seguir inconscientemente o exemplo dos pais e acabar por repetir os mesmo erros.

Eagleton (2001, p. 210)

A dependência excepcionalmente prolongada de nossos pais é, em primeiro lugar uma questão puramente material, uma questão de sermos alimentados e protegidos do mal – é a satisfação do que poderíamos chamar de nossos “instintos”, entendendo-se por isso as necessidades biologicamente determinadas que os seres humanos têm de alimentação, calor e assim por diante. Esses instintos de autopreservação são, muito mais imutáveis do que os “impulsos”.

Poderíamos ter trabalhado outras aberrações, registradas nos estudos de Freud e de Reich. Buscamos, no entanto nos ater às mais comuns entre os romances, já que o ensaio ambicionou buscar os fatores que os oito textos romanescos de Rodrigues apresentavam em comum um com o outro.

Não queremos afirmar, com esse estudo, que as repressões sexuais de um todo sempre geram patologias sexuais. Embora todas as obras apresentem como fator desencadeador das aberrações sexuais, a repressão sexual exigida pela sociedade e desenvolvida pelas famílias, lembramos que as aberrações, nos romances rodrigueanos, desenvolveram-se a partir da excessiva repressão sexual. Queremos admitir que mesmo registrando tais fatores em textos eróticos, observamos, também, a necessidade sócio-cultural em uma certa repressão sexual familiar.

Reich (1877, p. 107) escreve: "A educação sexualmente negativa e negadora não é ditada apenas pela atmosfera social, mas se torna necessária pela repressão sexual dos adultos. Sem uma grande resignação sexual, a existência na atmosfera familiar é impossível."

Percebemos, enquanto professores de disciplinas ligadas à investigação da

linguagem, que o que mais chama a atenção dos leitores num texto rodrigueano não é o mero exercício cultista da palavra e, sim a temática do descortinamento romântico-burguês.

Gostaríamos, no futuro, de retomar outros possíveis ensaios a partir de nossos estudos dos romances rodrigueanos. Tais como: um estudo minucioso da desenvoltura da autoria romanesca de Nelson Rodrigues, pois os textos são assinados como Suzana Flag, Myrna e Nelson Rodrigues. Descobrimos que para cada assinatura o autor desenvolve estilo literário diferenciado; uma investigação detalhada em Análise do Discurso, sobre a ideologia romântico-burguesa, nos romances rodrigueanos e, uma análise do perfil erótico feminino desenvolvido por Nelson Rodrigues romanesco.

Diversos são os caminhos que podem ser explorados pelo meio acadêmico, nessa fase pré-dramatúrgica de Rodrigues. Estudos de outras áreas acadêmicas, não só ligadas às investigações literárias ou linguísticas.

Nelson Rodrigues assusta a quem não está preparado para ler *a vida como ela é*, pois a repressão sexual é a principal causadora das chagas sociais denunciadas pelo autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: A Teoria da Libido e o Narcisismo**. volume XVI, Conferência XXVI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Totem e Tabu – O Horror ao Incesto**. Volume: XIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Sobre o Narcisismo: Uma Introdução**, volume: XIV. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1997.

LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

REICH, Wilhem. **A Revolução sexual**. Rio de Janeiro RJ: Zahar Editores. 1977.

_____. **Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?** São Paulo, SP: Brasiliense. 19--?

_____. **O combate sexual da juventude**. São Paulo, SP: Edições Epopéia Ltda. 1986.

RODRIGUES, Nelson. **A mentira**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.

_____. **A mulher que amou demais**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Asfalto selvagem**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Escravas do Amor**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Meu destino é pecar**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1988.

_____. **Minha vida**. Rio de Janeiro, RJ: O Cruzeiro, 1946.

_____. **Núpcias de fogo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O casamento**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

WAGNER, Cláudio Melo. **Freud e Reich: continuidade ou ruptura?** São Paulo, SP: Summus Editorial Ltda, 1996.

**ANEXO A - FRASES DE PERSONAGENS ROMANESCAS DE NELSON
RODRIGUES:**

A MULHER QUE AMOU DEMAIS

(Myrna)

“Ninguém ama de menos sempre se ama demais.” (Rodrigues 2003, p.15)

“De fato não há medida para o amor. Não se sabe onde ele começa e onde acaba. Qualquer outro sentimento pode ser medido, inclusive o ódio. Não o amor.”(Rodrigues 2003, p.15)

“Imaginemos uma amoroso. Se ela tem consciência de um limite, qualquer que seja, do seu amor, é porque não ama.” (Rodrigues 2003, p.15)

“Na vida sentimental da criatura, existem umas poucas verdades eternas. Uma delas é a seguinte: ‘Pouco amor não é amor.’ Sim, não possibilidade de meio-termo. Ou muito ou nada.” (Rodrigues 2003, p.15)

“Qualquer uma de nós pode saber se ama ou não. Basta que se concentre um pouco, e veja ‘até onde’ ama o ser amado. Se descobrir o limite, se considerar que ama, até certo ponto, pode despedir o pretendente. Porque, na verdade, sente, por ele, tudo: amizade, inclinação, simpatia, menos amor.” (Rodrigues 2003, p.16)

“Outro teste que não me custa sugerir às amorosas de qualquer idade: perguntar ‘se faria tudo’ pela criatura amada. Quando nós dizemos ‘Isso eu não faria’, estamos negando o nosso amor. E, na realidade, ele não existe.”(Rodrigues 2003, p.16)

“A mulher que ama ‘faria tudo’ em defesa do seu amor e do homem que ama.”
(Rodrigues 2003, p.16)

“Se levanta uma dúvida, se cria uma restrição, se fixa o limite, não ama. Talvez não venha a amar, nunca.” (Rodrigues 2003, p.16)

“ O que há de trágico no amor, de positivamente trágico, é que ‘faríamos tudo’ e que não há uma medida para o nosso altruísmo, a nossa abnegação, o nosso sacrifício.”
(Rodrigues 2003, p.16)

“É no amor que o sacrifício deixa de o ser.” (Rodrigues 2003, p.16)

“Dar a vida pelo bem-amado pode parecer uma mera e inócua força de expressão, uma maneira de dizer ou uma atitude literária. Não, não é.” (Rodrigues 2003, p.16)

“Se encontrarmos, por acaso, uma mulher cheia de rompantes, afirmativa, categórica, intransigente, a dizer que ‘não é boba’, que ‘não admite isso ou aquilo’, podemos concluir: ‘Não ama’. Porque a mulher que ama é boba sim; a mulher que ama admite isso ou aquilo e muito mais.” (Rodrigues 2003, p.16)

“Na verdade, amar é dar razão à pessoa amada que não a tem. Vocês compreenderam o milagre? Dar razão a uma pessoa que, absolutamente, não a tem?” (Rodrigues 2003, p.17)

“Amar demais equivale a dizer que ama simplesmente.” (Rodrigues 2003, p.17)

“De todos os motivos que possam impedir um casamento, o mais fraco é a falta de amor.” (Rodrigues 2003, p.56)

“Não gostava de confusão e considerava a sinceridade a mais desagradável de todas as virtudes.” (Rodrigues 2003, p.56)

“Casamento de amor só existe na proporção de um por mil, se tanto. E não dá certo. Porque amor se gasta: essa história de amor eterno é bobagem. Basta que a mulher tenha tolerância pelo homem. Nada mais.” (Rodrigues 2003, p.57)

“Mas, todas as mulheres que amam são assim, não são? Incondicionais?” (Rodrigues 2003, p.70)

* * *

O CASAMENTO

(Nelson Rodrigues)

“É mil vezes melhor uma filha puta do que um filho puto.” (Rodrigues 2003, p. 9)

“É um mistério que eu não entendo. Você entende? Nas velhas culturas cabe a inversão sexual. Cabe. Mas o Brasil é um povo jovem, um povo sem múmias.” (Rodrigues 2003, p. 9)

“A nossa pederastia incivilizada, semi-analfabeta, o humilhava como brasileiro.”
(Rodrigues 2003, p. 9)

“Ninguém enxerga o óbvio. Só os profetas enxergam o óbvio.” (Rodrigues 2003, p. 10)

“A fome mata e não destrói. Mas a pederastia é a nossa autodestruição.” (Rodrigues 2003, p. 10)

“Qualquer um pode ser obsceno, menos o ginecologista.” (Rodrigues 2003, p. 11)

“Quem devia ser casto é o ginecologista. O ginecologista é que devia andar de batina, sandalinhas e coroinha, aqui na cabeça.” (Rodrigues 2003, p. 11)

“Certas mulheres, na gravidez, ficam com as ventas largas e obscenas como as mulatas de Gauguin.” (Rodrigues 2003, p. 12)

“... mulher não entende nada de homem. Entra em cada fria! Em matéria de homossexual, é sempre a última a saber. E, muitas vezes sabe e aceita. Há também as que gostam, preferem o pederasta.” (Rodrigues 2003, p. 30)

“A mulher que se casa não é a mesma.” (Rodrigues 2003, p. 30)

“Não existe família sem adúltera. Mas há no adultério um pudor.” (Rodrigues 2003)

“Mas um pai não tem o direito de ignorar a pederastia de um genro.” (Rodrigues 2003)

“As mulheres tinham-lhe medo e por isso o adoravam.” (Rodrigues 2003, p. 49)

“O defloramento de uma menstruada é uma carnificina.” (Rodrigues 2003, p. 51)

“O ato sexual é uma mijada.” (Rodrigues 2003, p. 51)

“Um homossexual é um ressentido contra a mulher.” (Rodrigues 2003, p. 62)

“O amor normal é triste e doente. Doente, não. Mas é triste, o amor normal é triste.”
(Rodrigues 2003, p. 63)

“A coisa pior do mundo é o desejo interrompido.” (Rodrigues 2003, p. 65)

“Fazia a constatação amarga: ‘Não usa perfume’. A mulher tem obrigação de ser cheirosa.” (Rodrigues 2003, p. 65)

“O pior na bofetada é o som. Se fosse possível uma bofetada muda, não haveria ofensa, nem abjeção, nada.” (Rodrigues 2003, p. 82)

“A transpiração abundante é meio obscena.”(Rodrigues 2003, p. 82)

“Há mulheres que se excitam com os gordos.”(Rodrigues 2003, p. 85)

“Futebol é gol.” (Rodrigues 2003, p. 85)

“Cada movimento de mulher é um alarido de pulseiras, colares, pingentes.”
(Rodrigues 2003, p. 85)

“A brasileira é a melhor mulher do mundo porque tem bunda.” (Rodrigues 2003, p. 105)

“O ópio deve ser leve como cigarro americano.” (Rodrigues 2003, p. 107)

“Ninguém tem pés bonitos, não há pés bonitos.” (Rodrigues 2003, p. 138)

“O homem de bem é um gângster da virtude.” (Rodrigues 2003, p. 150)

“‘Genial’, para a sua admiração desvairada, era a falta de rosto. Outro qualquer teria posto a cara idiota de um modelo. Sim, de um sórdido modelo, pago a tanto por hora. Mas vem o gênio e descobre que Cristo não tem rosto, nunca teve rosto. De mais a mais, nada de um Deus magro, ossudo, morto a fome. Não. O Cristo de Dali tinha a musculatura de um nadador. Aí estava outro achado genial: o Jesus nadador.” (Rodrigues 2003, p. 165)

“Para o homem que fuma pouco o cigarro é um prazer solitário.” (Rodrigues 2003, p. 170)

“O que não se diz apodrece em nós.” (Rodrigues 2003, p. 171)

“Se cada um conhecesse a intimidade sexual dos outros, ninguém falaria com ninguém.” (Rodrigues 2003, p. 176)

“Em cada família há trevas que convém não provocar.” (Rodrigues 2003, p. 203)

“O mar cheira a esperma, urina velha, sexo mal lavado.” (Rodrigues 2003, p. 203)

“Acabava de pensar que no safismo não há incesto. A relação lésbica de mãe e filha não é incestuosa. Se não há incesto no safismo tudo é permitido. Não há vida moral.” (Rodrigues 2003, p. 214)

“O homem não pode ser tão humilde. Homem tem que se impor.”(Rodrigues 2003)

“As mulheres gostam dos homens gigantesco.”(Rodrigues 2003, p. 222)

“A História escolhe caras. O Kennedy seria o que foi sem aquela cara? O que me diz do perfil do Napoleão?” (Rodrigues 2003, p. 239)

“Todo homem precisa ser adorado por alguma mulher.” (Rodrigues 2003, p. 250)

“Temos atos que pertencem ao mistério e ao mistério voltam” (Rodrigues 2003, p. 251)

“Nós somos todos leprosos! E o mal é que ninguém reconhece a própria lepra.”
(Rodrigues 2003, p. 252)

* * *

A MENTIRA

(Nelson Rodrigues)

“As mulheres são menos rebeldes, mais acomodadas. Um simples berro reduz e desmoraliza qualquer mulher.” (Rodrigues 2002, p. 12)

“O único amor decente é o amor dos cegos! Só os cegos têm pudor!” (Rodrigues 2002, p. 37)

“Há uma coisa pior que o ódio é a falta de amor.” (Rodrigues 2002, p. 119)

MEU DESTINO É PECAR

(Suzana Flag)

“Os homens são tão conquistáveis!” (Rodrigues 1988, p.204)

“Como era bom ter pena do homem a quem amava.” (Rodrigues 1988, p. 212)

“Mas não tem coragem, é covarde, olha as conveniências. Não sabe amar, não nasceu para o amor ...” (Rodrigues 1988, p. 216)

“É tão bom velar o homem que a gente ama quando ele está doente.” (Rodrigues 1988, p. 217)

“As mulheres culpadas sabem mentir tão bem, têm uma certa capacidade de se iludir a si mesmas e aos homens!” (Rodrigues 1988, p. 437)

“Que é que tem um olhar? Não lhe ocorrera que a história de um pecado começa fatalmente assim: num olhar; e nada existe de mais grave que certos olhares.” (Rodrigues 1988, p. 438)

“Aliás uma mulher quando peca, mente que é uma maravilha, com uma arte, uma habilidade é um dom maravilhoso de improvisar desculpas e provas falsas.” (Rodrigues 1988, p. 439)

“Que adianta a virtude, a vontade, se é o homem mais forte e domina a gente?”

(Rodrigues 1988, p. 439)

* * *

ESCRAVAS DO AMOR

(Suzana Flag)

“Que voluptuosidade havia na preguiça!” (Rodrigues 2001 p. 9)

“Queria que até lá ele nada conhecesse de seu corpo, a não ser que o pudesse adivinhar através do vestido. Isso era uma maldade inteligente de mulher, uma maneira de não se banalizar aos olhos do namorado.” (Rodrigues 2001, p. 9)

“Que coisa horrível, sonhar e perceber que se está sonhando!” (Rodrigues 2001, p. 11)

“Seus olhos continuavam enxutos, e causavam um mal-estar intolerável ver aquela dor tranqüila, fechada e severa, sem lágrimas de espécie alguma.” (Rodrigues 2001, p. 19)

“A morte enchia suas almas de angústia e de interrogação. Tinham medo brusco e violento de que ela também viesse ao encontro delas e as arrastasse.” (Rodrigues 2001, p. 19)

“Se isso fosse novela policial o suicídio não seria suicídio, e sim crime.” (Rodrigues 2001, p. 23)

“Não acreditava em mistérios: achava que mistério só em vida policial. Na vida cotidiana, o suspeito é mesmo criminoso, e os motivos sempre aparecem na fase preliminar das investigações.” (Rodrigues 2001, p. 23)

“Estava num desses estados de desespero que não admitem covardia. Há certas ocasiões em que a mulher tem todas as coragens. Seus nervos trepidavam (e que mulher diante do bem-amado morto mede as próprias palavras?)” (Rodrigues 2001, p. 24)

“Um marido não deve abandonar nunca a esposa.” (Rodrigues 2001, p. 26)

“Sabia por experiência própria que diante de uma mulher nada mais precário do que a cólera dos homens.” (Rodrigues 2001, p. 31)

“Se minha filha morreu para mim, eu morri para o mundo.” (Rodrigues 2001, p. 36)

“Nenhum homem merece fidelidade, nenhum!” (Rodrigues 2001, p. 36)

“Que coisa feia são as paixões humanas.” (Rodrigues 2001, p. 44)

“As mulheres são incríveis.” (Rodrigues 2001, p. 48)

“Só uma coisa pode amansá-la: amor!” (Rodrigues 2001, p. 56)

“Costumava dizer com orgulho e melancolia: ‘Sou uma escrava do amor’. E, ao mesmo tempo acrescentava com fogo selvagem nos olhos verdes: ‘E quem é que não é? Todas são, todas! Não admitia exceções.’” (Rodrigues 2001, p. 57)

“Não tem nada de mais, ora. Em dia de enterro, ninguém é barrado. Entra quem quer.” (Rodrigues 1997, p. 75)

“Como fica feia a mulher quando chora.” (Rodrigues 2001, p. 76)

“A cena do amor é o espetáculo da morte.” (Rodrigues 2001, p. 78)

“Ela pensava que a vontade da mulher não vale nada diante da fatalidade. As coisas acontecem à revelia de seu desejo, coisas que não queria, não desejava.” (Rodrigues 2001, p. 78)

“Malu não gostava de Ricardo. Pensava gostar, mas era ilusão. Se o amasse, teria perdoado todas as infidelidades. Mas, como não gostava se doeu; a mulher que não ama é incapaz de perdoar o namorado ou o noivo ou o marido infiel. Eis tudo.” (Rodrigues 2001, p. 223)

“E o remorso que teve, que o atravessou, foi fulminante, desses que envelhecem um homem instantaneamente..” (Rodrigues 2001, p. 242)

“Parecia até que a associação da idéia da morte ao amor criava, entre eles, um estímulo perverso, vital e poderoso.” (Rodrigues 2001, p. 242)

“Beijar sem amor pode ser uma indignidade, mas não faz mal.” (Rodrigues 2001, p. 253)

“Ninguém tem o direito de tirar a vida de outra pessoa.” (Rodrigues 2001, p. 313)

“O que não tem remédio, remediado está.” (Rodrigues 2001, p. 313)

“Há ânsia de amor no fundo de cada coração.” (Rodrigues 2001, p. 534)

* * *

NÚPCIAS DE FOGO

(Suzana Flag)

“Não queria odiar, achava o ódio um sentimento que avilta a pessoa, que a deforma, que a põe num estado vizinho da loucura. (Rodrigues 1997, p. 10)

Deste gostara realmente, com uma dessas paixões fanáticas, exclusivas, que uma mulher não esquece.” (Rodrigues 1997, p. 11)

“Tão bom que ninguém adivinhe o pensamento dos outros!” Era feliz de ter um mistério, uma alegria secreta e incessante, que não transmitiria a ninguém” (Rodrigues 1997, p. 35)

“Uma mulher não pode ser tão bonita.”(Rodrigues 1997, p. 38)

“A loucura se insinuara nela, docemente, sem que ela a pressentisse, e a dominava e aprisionava.” (Rodrigues 1997, p. 43)

“O desgosto e a contrariedade prepararam o caminho para a doença.” (Rodrigues 1997, p. 43)

“Casamento se desmancha não só na porta da igreja, mas dentro da própria igreja, diante do altar.” (Rodrigues 1997, p. 160)

“...uma coisa assim bonita, assim inesquecível. Não havia meio de achar.” (Rodrigues 1997, p. 167)

“... num caso em que não há amor e não há amizade, não há nada.” (Rodrigues 1997, p. 175)

MINHA VIDA**(Suzana Flag)**

“Quando uma mulher casada se mata, o marido é o culpado.” (Rodrigues 1946, p. 15)

“Uma filha não pode julgar a própria mãe, uma mãe é sagrada aos olhos dos filhos.”(Rodrigues 1946, p. 14)

“A mulher não deve ser muito bonita.”(Rodrigues 1946, p. 16)

“A doença deixa a imaginação toda descontrolada.”(Rodrigues 1946, p. 25, in Minha Vida)

“A única coisa boa na vida é o amor, mesmo o amor infeliz. Qualquer espécie de amor – contanto que a gente ame.” (Rodrigues 1946, p. 41)

“Há certas mulheres que só tem sossego na morte.” (Rodrigues 1946, p. 51)

“Por mais que a gente seja bonita, haverá sempre quem seja mais.” (Rodrigues 1946, p. 51)

“Há mulheres que podem esperar o casamento, não tem importância e que, inclusive, não precisam se casar. Outras, não: outras devem se casar o mais depressa possível, e quanto antes, por questão de temperamento.” (Rodrigues 1946, p. 51)

“A gente nunca se casa com o homem que quer.” (Rodrigues 1946, p. 51)

“Uma mulher despeitada é capaz de tudo, de todas as baixezas.” (Rodrigues 1946, p. 51)

“O homem que mata por amor, sabe amar, ama como nem um. Compreendeu?”
(Rodrigues 1946, p. 123)

* * *

ASFALTO SELVAGEM

(Suzana Flag)

“Para alguns maridos a companhia da mulher é a solidão irremediável.” (Rodrigues 1995, p. 8)

“A eloquência tem suas ciladas imprevisíveis.” (Rodrigues 1995, p. 14)

“Os descontentes rosnam com amarga objetividade.” (Rodrigues 1995, p. 15)

“Cada um de nós, individualmente, pode não ter o sexo na cabeça; mas o povo tem. O pobre para sobreviver precisa da pornografia.” (Rodrigues 1995, p. 16)

“Impossível discriminar o fato objetivo da maledicência fantasista e vil.” (Rodrigues 1995, p. 16)

“O povo tem fome de sangue e excremento.” (Rodrigues 1995, p. 17)

“Cada família tem suas trevas interiores que convém não provocar.” (Rodrigues 1995, p. 18)

“As mulheres adoram as fábulas sórdidas.” (Rodrigues 1995, p. 18)

“A alma vem com o tempo.” (Rodrigues 1995, p. 20)

“Só o cúmplice é fiel.” (Rodrigues 1995, p. 29)

“Quando vejo uma estátua eqüestre, acho que o herói é que devia ser o cavalo!”
(Rodrigues 1995, p. 32)

“Vendo-a assim, alguém acharia que toda mulher bonita é um pouco a namorada lésbica de si mesma.” (Rodrigues 1995, p. 33)

“-Menina! O ser humano é incorruptível! Nada corrompe o ser humano! A corrupção é uma impossibilidade! Só existe o falso corrupto! O pior devasso é ainda um puro!” (Rodrigues 1995, p. 34)

“- Até as prostitutas são incorruptíveis!” (Rodrigues 1995, p. 35)

“Certas mulheres são prostitutas natas.” (Rodrigues 1995, p. 46)

“O que há é o apelo milenar a nostalgia da prostituta que existe ainda na mais pura.”
(Rodrigues 1995, p. 47)

“Mulher é tão falsa ... não tem alma, é só fêmea.” (Rodrigues 1995, p. 50)

“Todo tímido é candidato ao um crime sexual.” (Rodrigues 1995, p. 62)

“A esposa deve ser fria.” (Rodrigues 1995, p. 67)

“Qualquer volúpia, mesmo entre marido e mulher é uma mácula, realmente uma mácula.” (Rodrigues 1995, p. 68)

“É nobre demais para ser sensual. Parecia-lhe que a mulher ‘nobre’ tem de ser fria, já que qualquer desejo – mesmo de marido e mulher – é fatalmente vil.” (Rodrigues 1995, p. 68)

“... parecia-lhe que na infidelidade o culpado era a vítima, o adúltero, o enganado.”

(Rodrigues 1995, p. 74)

“A humildade é um disfarce de sombrias iniquidades.” (Rodrigues 1995, p. 75)

“A humildade lambe as pessoas.” (Rodrigues 1995, p. 75)

“Muitas vezes a gratidão ajuda a deflagrar o desejo.” (Rodrigues 1995, p. 76)

“A polidez, por vezes é maligna.” (Rodrigues 1995, p. 78)

“Precisava exaltar-se de novo, gritar, sacudir a bengala, para meter medo. De longa data, era de parecer que a mulher entende mais o grito, entende mais a ameaça do que o argumento, o fato. Todas gostam de sofrer na carne o espasmo do medo. – “Vou gritar” , decidia.” (Rodrigues 1995, p. 81)

“Só conhece o amor quem possui a cunhada impossível.” (Rodrigues 1995, p. 83)

“Mulher precisa ter medo físico.” (Rodrigues 1995, p. 83)

“Os magros só deviam amar vestidos. Tinha ódio da própria nudez esguia e lívida.”

(Rodrigues 1995, p. 84)

“Só os que batem são amados pelas crianças e pelas mulheres. Em vez de recolocar o cinto, atira-o longe. - Ela me chamou de papaizinho, pela primeira vez.” (Rodrigues 1995, p. 85)

“A mulher gosta de ter medo. Ela apanha e nunca sua boca fora tão voluptuosa.” (Rodrigues 1995, p. 85)

“ – Ah! Não é normal! Escuta! Se fosse normal, eu não te daria meu noivo! Eu não viveria por ti!

O que Letícia queria dizer, por outras palavras, é que amor normal não tem imaginação, nem audácia, nem as grandes abjeções inefáveis. É um sentimento que vive de pequeninos escrúpulos, de vergonhas medíocres, de limites covardes.” (Rodrigues 1995, p. 99)

“Há um momento na vida em que o homem precisa confiar em alguém.” (Rodrigues 1995, p. 100)

“A humildade é o disfarce de um feroz sarcasmo.” (Rodrigues 1995, p. 106)

“Todos os canalhas são magros.” (Rodrigues 1995, p. 106)

“ – Eu não me ofendo, nunca me ofendo, nunca me ofendi!

Tal capacidade de não se ofender – jamais! Em hipótese nenhuma! – dava-lhe uma força sinistra, uma potência lúgubre.” (Rodrigues 1995, p. 106)

“O casamento que começa por um favor está liquidado. Em sexo, não cabem os favores.” (Rodrigues 1995, p. 122)

“... não solidão maior e mais desesperada que da cliente bonita (sem acompanhante) e o ginecologista (sem enfermeira).” (Rodrigues 1995, p. 130)

“Se a mulher tem o mínimo de imaginação, há da maravilhar-se com esse abandono diante de um desconhecido.” (Rodrigues 1995, p. 130)

“Os verdadeiros órgãos genitais estão na alma.” (Rodrigues 1995, p. 131)

“Há uma ocasião em que o ginecologista precisa se sentir uma São Francisco de Assis.” (Rodrigues 1995, p. 135)

“Aprendera em vinte anos de ginecologista que a mulher normal é capaz de amar dois, três, quatro ao mesmo tempo.” (Rodrigues 1995, p. 137)

“O amor múltiplo é uma exigência sadia de sua carne e de sua alma. A exclusividade que ela dá, e que o homem exige, representa um equívoco, ou pior: - um aviltamento progressivo e fatal. Cada minuto de fidelidade significa assim um novo desgaste.” (Rodrigues 1995, p. 137)

“Há tão pouco amor por isso mesmo: - porque o degradam com deveres, com obrigações. Como dever, como obrigação, a fidelidade é uma virtude vil!” (Rodrigues 1995, p. 137)

“A mulher que não ama acaba apodrecendo.” (Rodrigues 1995, p. 138)

“Não amar é apodrecer.” (Rodrigues 1995, p. 138)

“ ... não há embriaguez mais completa, não delícia mais profunda do que ver o amado traindo.” (Rodrigues 1995, p. 144)

“O amor deveria ser o casal, e ao mesmo tempo, uma testemunha.” (Rodrigues 1995, p. 145)

“Se amasse teria admitido o adultério, simplesmente.” (Rodrigues 1995, p. 148)

“... para certos temperamentos femininos convém um marido que previamente perdoa.” (Rodrigues 1995, p. 148)

“Só um débil mental pode casar-se na presunção de que o casamento é divertido.” (Rodrigues 1995, p. 151)

“O lar, esse divertido túmulo. O lar é arejado como um túmulo.” (Rodrigues 1995, p. 151)

“O verdadeiro grito parece falso.” (Rodrigues 1995, p. 160)

“A alma! Se Deus existe; sim se Deus existe, o que vale é a alma e tudo o mais é detalhe. Qualquer mutilação é um detalhe.” (Rodrigues 1995, p. 165)

“Se Deus existe, o sexo é um detalhe.” (Rodrigues 1995, p. 169)

“A morte natural é uma indignidade. Deus prefere os suicidas.” (Rodrigues 1995, p. 169)

“... o chicletes é tão deformante que, no fim de certo tempo, uma menina fica com uma boa ambígua de prostituta.” (Rodrigues 1995, p. 195)

“Todas as mulheres deviam ter catorze anos.” (Rodrigues 1995, p. 196)

“... é preciso muito cinismo para que um casal, qualquer, chegue às bodas de prata.” (Rodrigues 1995, p. 200)

“... parecia cada vez mais convencido de que, com aquela camisa rubro-negra, o Zózimo precisava ser traído imediatamente.” (Rodrigues 1995, p. 202)

“Calculava que a mulher bonita e miserável está indefesa.” (Rodrigues 1995, p. 202, in Asfalto Selvagem)

“As mulheres têm a imaginação muito mais erótica do que nós. Estava certo de que a vida interior feminina é toda feita de fantasias obscenas.” (Rodrigues 1995, p. 205)

“Dr. Odorico pensava que um dos bons achados da sociedade capitalista é a mulher bonita, pobre e voraz. – Na Itália, durante a guerra, comprava-se uma mulher por um cigarro. E, entre nós, um flagelado vende uma filha por um pedaço de rapadura.” (Rodrigues 1995, p. 207)

“Otto tem muito espírito! Diz que a Europa é uma burrice aparelhada de museus. Ao passo que o Brasil é um analfabetismo genial.” (Rodrigues 1995, p. 210)

“Deus está nas coincidências.” (Rodrigues 1995, p. 235)

“O brasileiro não é sanguinário.” (Rodrigues 1995, p. 240)

“Use a pornografia. O palavrão será um estímulo para si e para a mulher.” (Rodrigues 1995, p. 244)

“O medo mata o desejo, mata o prazer. O palavrão é um estímulo. Na intimidade sexual, a mulher gosta de pornografia.” (Rodrigues 1995, p. 245)

“As mulheres seriam menos desequilibradas se dissessem palavrões.” (Rodrigues 1995, p. 247)

“A polícia persegue os namorados, os amantes, fecha os hotéis. Temos uma polícia ginecológica!” (Rodrigues 1995, p. 249)

“O ódio que há no Brasil é contra o amor.” (Rodrigues 1995, p. 249)

“As senhoras de família seriam melhores mães e esposas se dissessem palavrões.”
(Rodrigues 1995, p. 251)

“Com esse dólar histórico é um crime não dar o golpe!” (Rodrigues 1995, p. 251)

“Toda mulher que se ruboriza, facilmente, é sensual.” (Rodrigues 1995, p. 253)

“Com a capa de convertida, Engraçadinha é uma mulher quente.” (Rodrigues 1995,
p. 253)

“O Jucelino está seco para morrer antes de terminar o mandato!” (Rodrigues 1995,
p. 265)

“... o defunto presidencial é de um exibicionismo ululante!” (Rodrigues 1995, p.
265)

“A mulher é mercenária. Sem sentir e sem saber, está sempre se vendendo por alguma coisa: - ou posição, ou glória, ou dinheiro.” (Rodrigues 1995, p. 265)

“O corregedor é um centauro – um centauro que fosse a metade cavalo e a outra metade também!” (Rodrigues 1995, p. 279)

“Certos maridos fazem a esposa odiar o sexo.” (Rodrigues 1995, p. 293)

“Bêbado, o marido não é ninguém!” (Rodrigues 1995, p. 293)

“Ciúme é uma coisa, ciúme doentio, outra.” (Rodrigues 1995, p. 323)

“O homem honrado é um gângster sem coragem.” (Rodrigues 1995, p. 333)

“O ser humano é um débil mental imprevisível. Eu entro aqui como um sátiro e saio como um homem de bem.” (Rodrigues 1995, p. 342)

“Não se abandona nem uma namorada.” (Rodrigues 1995, p. 401)

“O meu amor não exige nem pede nada! Quero apenas ter o direito de amá-la. E esse amor sem esperança basta. No meu amor a matéria não entra. O físico fica de fora.” (Rodrigues 1995, p. 425)

“O Jucelino vai receber o Eisenhower com o berro nacional: - ‘Me dá um dinheiro aí.’” (Rodrigues 1995, p. 472)

“Um povo que conserva, no desenvolvimento, um humor gigantesco, é miserável, mas não derrotado.” (Rodrigues 1995, p. 472)

“Aquela gente não vive, finge que está vivendo. Todo o Itamaraty é uma lúgubre imitação de vida. Até os contínuos! Lá os valores eternos são um vinco genial, a cor exata do colete, a gravata por cima ou por baixo do colarinho.” (Rodrigues 1995, p. 496)

“O pederasta envolve-se em interesses, escrúpulos, pudores e reações tremendas.” (Rodrigues 1995, p. 497)

“O advogado é o anti-herói. Se eu fosse herói não andaria vestido assim. Esse ridículo é esforço, é premeditação, é sacrifício!” (Rodrigues 1995, p. 497)

“A pederastia está por toda a parte. Nunca um homem foi tão pouco homem, e uma mulher tão pouco mulher.” (Rodrigues 1995, p. 498)

* * *

ANEXO B - RESUMOS DOS ROMANCES DE NELSON RODRIGUES

MEU DESTINO É PECAR

(Suzana Flag)

Lena, protagonista, quando criança, assiste a sua madrasta seduzir seu pai perto do leito, onde sua mãe agonizava prestes a morrer. Após a morte da esposa, o pai de Lena casa-se novamente. A vida da protagonista torna-se mais difícil sem a figura materna, passando a viver sob as exigências da uma madrasta.

O pai de Lena começa a freqüentar bares, onde perde muito dinheiro com jogos e com bebidas. Endividado e com a vida em risco, sob as orientações da esposa, oferece a filha a um jovem boêmio rico – Paulo - que conhecera nas noites de jogatina.

Paulo era filho de uma família matriarca (singularidade nas obras rodrigueanas). Sua família era representante da aristocracia rural. Casara-se por amor com Margarida (Guida). O casal vivera em terna lua-de-mel até a chegada de Maurício, irmão caçula de Paulo, por quem Guida desenvolve incontrolada paixão.

Maurício, que só se apaixonava por mulheres comprometidas, também se enamora loucamente da cunhada. Os dois passam a ter encontros secretos. Paulo desconfia da traição e compra cães ferozes, afirmando que era para impedir que ladrões atacassem a fazenda à noite.

A presença dos cães não impede o casal apaixonado de se encontrar às escondidas. Numa noite, contudo, Guida é esfaqueada pela matilha.

Paulo sofre muito com a confirmação da traição. Sofre mais, porém quando se torna viúvo. Tem o propósito de cometer suicídio, mas jamais o faria deixando toda a sua fortuna para o irmão traidor. Joga-se, então pelo mundo, buscando consolo no álcool e na boemia, a fim de encontrar uma moça pobre; casar-se e deixar tudo a ela depois do suicídio.

A madrasta de Leninha, por sua vez, planeja tudo. O casamento, a perna mecânica para Netinha, irmã de Lena, por quem Paulo tem uma simpatia especial, pois ele também tinha um defeito em uma das pernas. Lena casa-se sentindo ódio, pela madrasta, pelo noivo,

pelo pai e principalmente por ela, por ter aceitado tudo.

Após o casamento, o casal encaminha-se para a fazenda da família de Paulo. Lena tenta inutilmente uma fuga, saltando do carro. Só consegue alguns ferimentos. Chegando à fazenda, D. Consuelo, mãe de Paulo, mulher quase máscula, trata de avisar a nova nora sobre os poderes de sedução que Maurício, o filho caçula, tinha sobre todas as mulheres.

- Nenhuma mulher resiste a Maurício. Nenhuma! - Fazia tal afirmação como quem se inclui no grupo das conquistadas.

O rapaz era realmente lindo. Lena o admirou assim que o viu pela primeira vez, mas havia feito o propósito de resistir. Quanto mais, porém, ela resistia, mais Maurício sentia-se por ela apaixonado.

Em uma cabana escondida na floresta, estava Evangelina, irmã de Guida. Evangelina ouvira tanto Guida falar de Maurício que se apaixonara por ele também. Decidida a lutar, quando Guida morre, diz a Maurício que quem morreu foi uma empregadinha da fazenda a quem Guida havia dado alguns pertences dela. Maurício passa a viver com Evangelina, julgando viver com a cunhada que devido às circunstâncias adotara o pseudônimo de Regina.

Regina percebe que Maurício está diferente. Deduz que ele tenha encontrado um outro amor impossível. Por meio do padre, sabe do casamento de Paulo e passa a ter certeza de que o novo alvo de sedução é a nova cunhada. Disposta a tudo, tenta o suicídio para impressionar seu amante. Escapa com vida e decide continuar lutando.

Maurício tenta de tudo para conquistar Lena que, embora muito atraída por ele, resiste. Lena nega a Paulo seus direitos de intimidade conjugal.

Paulo parte em silêncio, com o propósito de livrar-se da própria vida. Durante a fuga, entretanto, fica sabendo que a família da Guida planeja o assassinato de Lena. Volta

para casa, a fim de proteger a esposa.

Quando regressa, observa que Lena resistia a Maurício e, assim, começa a enamorar-se dela. Ela também observa o quão fútil era o cunhado e passa a desenvolver admiração pelo marido.

A família de Guida seqüestra Lena e Paulo, a fim de matá-los.

A família de Paulo luta e consegue salvá-los.

Em meio às confusões da luta, Evangelina é descoberta na floresta. Maurício, rejeitado pela cunhada, segue a sorte do irmão bebendo de bar em bar. Evangelina tenta um noivado com outro rapaz, mas sem esquecer Maurício, volta para os braços dele.

Paulo e Lena passam a viver felizes com a chegada do primeiro filho.

* * *

ESCRAVAS DO AMOR

(Suzana Flag)

Malu, protagonista, moça bonita do tipo mignon, inicia a narrativa noiva de Ricardo que acaba sendo assassinado, já no início do romance, revelando tramas que estarão subjacentes durante toda a obra.

Lígia, mãe de Malu, também muito bela, é casada com Carlos, um rico industrial que freqüentemente tem aventuras extraconjugais. Lígia, entediada com a atual situação de seu casamento, sai muitas vezes a passeio para arejar e tentar esquecer a ruína matrimonial em

que vive.

Em um desses passeios, conhece Ricardo. Ambos se apaixonam, mas Lígia, embora traída, é também fiel ao marido. Os dois não se envolvem amorosamente.

Algum tempo depois, Malu aparece em casa com seu namorado. Lígia estremece ao reencontrar o rapaz por quem havia se apaixonado. A mãe tenta salvar-se do tédio de seu casamento colocando-se no lugar da filha, ouvindo-lhe as confidências e dando-lhe sugestões de sedução.

Após o assassinato de Ricardo, Lígia revela um sentimento de viuvez muito maior do que o de Malu. Chega a ponto de afirmar para a filha que foi beijada por ele, a passo que Malu não.

Um sentimento de ódio e de competição começa a crescer entre as duas. Quem seria a mais bela? Quem ele teria amado mais?

O assassinato de Ricardo dá origem a uma seqüência interminável de conflitos.

Uma das amantes de Carlos, Glorinha, consegue entrar em sua casa e diz que vai permanecer. Faz chantagens com fotos de Malu em poses obscenas, com rapazes, nos Estados Unidos. Carlos sede às chantagens da amante e a deixa morar sob o mesmo teto que sua família. Por fim, Malu revela não ser ela a moça das fotos e as chantagens acabam.

Lígia apaixonou-se por Cláudio, rapaz bem mais jovem do que ela, o qual deseja salvar sua amada da vida sofrida levada no atual casamento. Porém, com o decorrer da narrativa, Cláudio vem a ser filho de Lígia e de Carlos, enquanto Malu apenas filha adotiva. O casal nada revela à moça, assumindo ambos como filhos.

Malu sofre, freqüentemente, dominação hipnótica de um vizinho que era por ela apaixonado. Ele pretendia casar-se com Malu e mantê-la sob hipnotismo constantemente.

A protagonista é salva pelo seu jardineiro, Bob, rapaz cujo rosto era deformado e

já a salvara de um ataque de uma onça. Bob nutria imensa paixão por Malu.

No desfecho, teremos Malu casada com seu jardineiro Bob que se revela um homem rico e Lígia e Carlos felizes reconstruindo o casamento.

O assassino de Ricardo vem a ser o vizinho que queria casar com Malu.

* * *

NÚPCIAS DE FOGO

(Suzana Flag)

O enredo se passa em torno da protagonista Lúcia, moça bela, mas reprimida por ser filha do primeiro casamento de sua mãe, é sempre preterida em favor de sua irmã Doris, filha do segundo casamento, moça mimada, chata e sem grandes atrativos físicos.

As duas irmãs vão a um baile de uma amiga e conhecem Carlos, rapaz belíssimo que se encontrava noivo de uma louca. A noiva de Carlos enlouquecera quando vira sua irmã beijar seu noivo na boca. Carlos passa a viver investindo na cura da noiva.

Doris e Lúcia apaixonam-se por Carlos. Lúcia já havia sido condicionada desde pequena a deixar tudo para a irmã caçula e embora apaixonada por Carlos e, sentindo-se correspondida, não encontra outra saída a não ser repetir o padrão que aprendera na infância.

Doris, o pai e a tia fazem de tudo para conquistar Carlos. Arranjam um noivo para Lúcia, Jorge, um médico vizinho, amigo da família. Doris submete-se a grandes humilhações pelo seu objeto de desejo e acaba sendo de vez preterida. Falecendo a noiva de Carlos esse casa-se com Lúcia e Doris então é quem enlouquece.

* * *

A MULHER QUE AMOU DEMAIS

(Myrna)

Lúcia, na véspera do seu casamento, sai para cuidar de alguns detalhes para a cerimônia. Na rua, é abordada por um homem estranho e estranhamente lindo. Lúcia apaixona-se perdidamente pelo rapaz.

O rapaz de nome Carlos diz ser o homem da vida de Lúcia. Revela-se também apaixonado. Ela desiste do casamento com Paulo por estar apaixonada por outro. Todos da família ficam perturbados com a notícia, principalmente pela possibilidade de um escândalo social. O noivo preocupa-se com a sua promoção profissional. As famílias com os jornais.

Descobriu-se, então, quem era o rapaz por quem Lúcia estava apaixonada: Carlos, irmão de Paulo.

Carlos já havia roubado outra namorada de Paulo, Virgília, moça linda que morrera afogada na lagoa. Lúcia era muito parecida com Virgília e Paulo era o principal suspeito do assassinato dela.

As pressões para que Lúcia se casasse com Paulo prosseguem e ela não cede.

Carlos e Lúcia acabam fugindo e ficando juntos.

* * *

MINHA VIDA

(Suzana Flag)

Suzana, quando menina, assiste a sua mãe cometer suicídio porque havia sido abandonada pelo amante. O pai, após saber do que aconteceu, dá um tiro no próprio crânio. A protagonista passa, então, aos cuidados da avó, figura sisuda e amarga.

Após a perda dos pais, Suzana cai doente por alguns dias. Antes mesmo de melhorar, fica sabendo que sua avó já planejara o seu casamento com Jorge, ex-amante de sua mãe. Suzana, porém, afirma que jamais irá se casar seja com quem for.

Quanto mais Suzana resiste a Jorge, mais ele a persegue. Aristeu, tio de Suzana, aparece também para cortejá-la. Ela sente-se mais protegida com Aristeu, porém o tio lhe revela que também fora namorado de sua mãe e a perdera para o irmão, pai de Suzana.

Com uma estratégia bem costurada, Aristeu leva a família de Jorge e a família da avó de Suzana para uma ilha deserta.

Lá, Aristeu é disputado arduamente pelas três irmãs de Jorge. Suzana fica indecisa entre Jorge e Aristeu, mas acaba preferindo Aristeu.

* * *

ASFALTO SELVAGEM

(Suzana Flag)

O último romance folhetinesco de Nelson Rodrigues. Romance de transição.

Engraçadinha, a protagonista romanesca mais famosa de Nelson, cresce sem grandes vínculos afetivos com os demais membros de sua família. Sua mãe morrera e, a casa onde mora é habitada também por alguns tios velhos.

Crescem juntos os três primos: Engraçadinha, Letícia e Sílvio.

Sílvio é noivo de Letícia. Engraçadinha, noiva de Zózimo. A protagonista é o centro das paixões dos dois casais. É amada até mesmo pela própria prima.

O objeto de desejo de Engraçadinha não é o noivo Zózimo, mas o primo, Sílvio.

Na noite de noivado de Letícia e de Sílvio, Engraçadinha o seduz levando consigo um filho.

Arnaldo, pai da protagonista, ao saber da gravidez da filha revela que Sílvio e Engraçadinha não eram primos e sim irmãos.

Sílvio desespera-se e castra-se. Acaba morrendo. Arnaldo comete suicídio. Engraçadinha casa-se com Zózimo, grávida de Sílvio.

Anos depois, no Rio de Janeiro, Engraçadinha reaparece convertida ao Protestantismo e se auto-afirmando “mulher distinta”. A frieza da relação entre Zózimo e a protagonista estende-se pelos vinte anos de casamento.

O juiz, Dr. Odorico, reencontra a protagonista por meio de Silene, filha caçula de Engraçadinha, muito parecida com a mãe. Durval, filho de Sílvio, cresce muito parecido com o pai. Entre Durval e Silene, por vezes, há flertes de namorados. A mãe teme que a história incestuosa vivida por ela se repita com os filhos.

Odorico cerca Engraçadinha de cortejos e ajuda financeiramente a família dela, porém nada consegue além de amizade.

Engraçadinha envolve-se num relacionamento extraconjugal. Redescobre o prazer

sexual.

Leticia reaparece disposta a lutar por Engraçadinha, mas conhece Silene e apaixona-se pelas duas. Faz chantagens com Engraçadinha, mas não consegue seduzir nem uma das duas. Cansada, comete suicídio e deixa uma boa quantidade em dinheiro para Engraçadinha.

* * *

A MENTIRA

(Nelson Rodrigues)

A narrativa inicia-se quando o ginecologista, amigo da família, afirma que Lúcia, a adolescente caçula, está grávida.

Lúcia era filha que nascera quando o casal já não esperava mais ter filhos. Era também a preferida de todos, crescera muito mimada, principalmente pelo pai, homem sóbrio e sério, sempre de cara fechada, pela caçula, entretanto, permitia-se derreter em mimos.

A notícia da gravidez de Lúcia deixa a família alvoroçada. Todos querem saber quem é o pai do filho da menina. Ela, porém, diz não saber.

Moravam na mesma casa, também, as irmãs de Lúcia casadas e seus respectivos maridos. O pai da menina começa a desconfiar dos genros.

Um dos cunhados de Lúcia afirma tê-la seduzido em um momento, durante uma festa, em que a menina estava desacordada. Propôs a Lúcia que fugissem.

Quando a família já o tinha como culpado, a verdade aparece: o ginecologista

estava louco e sua loucura consistia em afirmar a todas as pacientes que elas estavam grávidas.

Na verdade, Lúcia não estava grávida.

* * *

O CASAMENTO

(Nelson Rodrigues)

Sabino é um rico industrial e pai de uma noiva linda, Glorinha, filha caçula que cresce recebendo mimos de toda a família. Depois de moça desperta facilmente o desejo dos homens e a inveja das mulheres que estão a sua volta.

Na véspera do casamento, o ginecologista, amigo da família flagra, o noivo de Glorinha beijando na boca de seu assistente. Escandalizado, procura o pai da noiva para informar o ocorrido.

Dr. Sabino, embora nutrisse pela filha grande afeição, acaba não contando nada a ela e ainda dá ao futuro genro um cheque de cinco milhões pelo casamento. O genro rasga o cheque.

Sabino escolhe não contar nada a filha, pois o casamento poderia não acontecer e a imprensa toda estaria lá. O ministro já havia confirmado presença. Fica com medo do escândalo e deixa o casamento acontecer.

Durante o enredo, outros fatos são desenvolvidos por Rodrigues.

A primeira relação sexual de Glorinha foi grupal. Enquanto realizava a primeira

relação sexual ela pensava no pai.

Glorinha leva o pai para uma praia deserta e tenta arrancar dele uma confissão de amor, afirmando ter sido beijada na boca pela própria mãe e afirmando amar o pai como homem e ser correspondida por ele. O pai resiste, mas demonstra que ela tem razão.

Sabino seduz a secretária e chama pela filha durante o ato sexual. Por fim a secretária de Sabino é assassinada por seu amante e Sabino entrega-se à delegacia como culpado pelo crime.

* * *